

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LINGUÍSTICA

Giovana Amorim Zago Vela

**MULHERES, FEMINISTAS E LEITORAS:
UMA ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE A LEITURA
EM SITES FEMINISTAS**

SÃO CARLOS -SP
2021

Giovana Amorim Zago Vela

**MULHERES, FEMINISTAS E LEITORAS:
UMA ANÁLISE DE DISCURSOS SOBRE A LEITURA EM SITES
FEMINISTAS**

Women, feminists and readers: an analysis of discourses about reading on feminist websites

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Linguística, junto à Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Profa. Dra. Luzmara Curcino

Coorientadora: Profa. Dra. Simone Garavello Varela

São Carlos-SP
2021

“Por muito tempo na história, ‘anônimo’ era uma mulher”
Virginia Woolf

MULHERES, FEMINISTAS E LEITORAS: UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DA LEITURA EM SITES FEMINISTAS

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar indicações de leitura de obras voltadas para o segmento de público interessado pelo tema do feminismo, expressas sob a forma de listas de obras e autoras(es) selecionadas, em cujas recomendações se pode depreender, com a análise de seus enunciados, certas representações da leitura e do público leitor visado. Para isso, valemo-nos de um *corpus* constituído de enunciados provenientes de textos que se caracterizam por serem ou conterem uma lista de indicações de títulos, publicados virtualmente em ‘blogs’ ou sites, pessoais ou institucionais, cujo tema em comum é justamente a indicação de livros do segmento feminista. Em sua análise visamos observar que títulos e autoras(es) são aconselhados, que justificativas são apresentadas no texto para esta recomendação de leitura e que comentários de leitores(as) eventualmente acompanham essas publicações de listas com sugestões. Nesses textos, há menção a títulos e autoras(es) feministas, os quais se recomenda a leitura, e que se caracterizam pelas observações, comentários e opiniões que emitem sobre as obras e autores(as) lidos(as) e indicados(as). Em tais observações, comentários e opiniões, mas sobretudo nas listas de títulos, expressa-se o que consideramos ser de interesse dessa “comunidade leitora”, assim como se menciona a importância da leitura, de modo geral, e da leitura dessas publicações, de modo específico. Ao se referirem à leitura, por vezes, afirmam o papel dessa prática como meio de emancipação pessoal, por outras, para engajamento em uma luta coletiva, e, por outras, ainda, como fonte de empoderamento e de divulgação da causa feminista. Nossa pesquisa consiste, portanto, no levantamento e análise dos enunciados presentes nessas fontes diversas que têm como característica comum se referirem à leitura, a livros e a autoras(es) considerados essenciais para melhor compreender as ideias, princípios e lutas feministas e de interesse, portanto, a todas(os) aquelas(es) que se identificam com o tema e sua causa, de modo a nos fornecer indícios sobre aspectos do perfil leitor dessa comunidade. Em nossa análise, nos fundamentamos teórica e metodologicamente em princípios da Análise do discurso, valendo-nos, em especial, do conceito de “gêneros do discurso”, de Mikhail Bakhtin, de modo a observarmos o funcionamento discursivo desses enunciados, conforme descrito por Michel Foucault em sua obra “A ordem dos discursos”. No que diz respeito aos estudos sobre as práticas de leitura, apoiamo-nos na História cultural, em especial, nos estudos desenvolvidos por Roger Chartier.

Palavras-chave: discursos sobre a leitura; mulheres leitoras; feminismo.

**WOMEN, FEMINISTS AND READERS:
AN ANALYSIS OF DISCOURSES ABOUT READING ON FEMINIST WEBSITES**

ABSTRACT

This research aims to analyze reading indications of works aimed at the public segment that would identify itself as a feminist, to understand these statements certain representations of reading and that reading public. For this, we use a corpus made up of statements from texts from different origins, published in personal or institutional blogs, whose common theme is the indication of books from the feminist segment, to observe which titles and authors are indicated, which comments accompany these lists with indications. In these texts, there is mention of titles and authors considered as feminists, whose reading is recommended, and which are characterized by the publications, comments, and opinions that they express about these texts and authors read and indicated. In these magazines, comments, and opinions, it expresses what it considers to be of interest to this “reading community”, as well as mentioning the importance of reading in general, and reading these works in a specific way. When referring to reading, they sometimes affirm the role of this practice as a means of personal emancipation, as a way of engaging in a collective struggle, and as a source of empowerment in the feminist cause. Our research consists, therefore, in the survey and analysis of these statements present in these diverse sources that have in common feature referring to reading, books and authors that interest those who identify with the theme of feminism, to provide us with clues about aspects of the reader profile of that community, indicated in these texts. In our analysis, we will be based theoretically and methodologically on the principles of Discourse Analysis, using the concept of “genres of discourse” by Mikhail Bakhtin, and the functioning of utterances, as described by Michel Foucault in his “order of discourses”. Regarding studies on the practice of reading, we rely on cultural history, especially on the studies developed by Roger Chartier on reading and readers.

Keywords: *Discourses on reading; Women readers; Feminism.*

Lista de Figuras

FIGURA 1 – Imagem que ilustra a lista da Revista Cult -----	26
FIGURA 2 – Imagem que ilustra a lista da Revista Superinteressante -----	28
FIGURA 3 – Capa do livro “Os homens explicam tudo pra mim” -----	28
FIGURA 4 – Imagem da foto das autoras dos livros listados pelo Blog da Boitempo -----	30

Sumário

Resumo	4
Abstract.....	5
Lista de Figuras	6
1 Feminismo: algumas notas	8
1.1 Mulheres brasileiras e sua formação intelectual e letrada.....	10
2 Fundamentação teórica	13
2.1 Breve nota acerca da “ordem dos discursos”	14
2.2 Breve nota acerca da noção de ‘representação’	17
3 Metodologia de coleta de dados e de análise.....	18
4 Listas de indicação de livros: constituição do corpus e sua análise	20
4.1 Listas de indicação de livros: uma análise desse ‘gênero do discurso’	22
4.2 Listas de indicação de livros: uma análise dos enunciados	41
5 Considerações finais.....	42
Referências Bibliográficas.....	52
Anexo I - Livros Citados no <i>corpus</i>	56
Anexo II - Lista 1	60
Anexo III - Lista 2	64
Anexo IV - Lista 3	68
Anexo V - Lista 4	75

1 Feminismo: algumas notas

As mulheres, ao longo da história, organizaram-se em diversos momentos e de diversas maneiras, reivindicando direitos e lutando por igualdade social. As ideias e os sujeitos que sustentaram essas reivindicações foram posteriormente conhecidos como “feminismo” e “feministas,” respectivamente. Segundo Victória Sau Sánchez, escritora e psicóloga, autora do “Dicionário ideológico feminista” (1981) o “feminismo” pode ser definido como:

Um movimento social e político que se inicia formalmente no final do século XVIII e que pressupõe a tomada de consciência das mulheres, como um grupo ou coletivo humano, sobre a opressão, dominação e exploração a que foram e são submetidas por parte do grupo de homens, no seio do patriarcado em suas diversas fases históricas de modelo de produção, o que as move à ação para a liberação de seu sexo, com todas as transformações na sociedade que aquela exige. (p. 121-122)

De acordo com Miranda (2009), o movimento feminista parte do objetivo de transformar e abolir a ordem patriarcal e seu poder regulador, através de discursos e práticas que dão prioridade à luta das mulheres para denunciar a desigualdade de gênero, em busca de princípios fundamentais de igualdade, equidade e justiça social entre homens e mulheres.

Para a organização desses discursos e práticas em comum, que orientassem suas reivindicações e lutas, foi necessário um entendimento de suas condições sociais e de seus objetivos específicos, o que foi sendo diferentemente obtido ao longo da história, por vários meios, entre os quais os livros desempenharam e desempenham papel importante. Várias organizações feministas, em diferentes países e em distintos períodos históricos, conquistaram progressivamente direitos que eram sistematicamente negados, até então, às mulheres quando sua negação era (e ainda é, em grande medida) tida como ‘natural’, como ‘óbvia’, e ‘necessária’ para o bom funcionamento da sociedade.

O surgimento do movimento feminista no contexto internacional foi influenciado por ideias iluministas do século XVII, difundidas nas Revoluções Francesa e Americana do século XVIII, visto que os ânimos revolucionários, voltados para a reivindicação de direitos e rompimento com a ordem tradicional imposta na época, levaram as mulheres a se sentirem impelidas a lutar pela própria liberdade política, econômica e social (OLIVEIRA e CASSAB, 2014).

Desta forma, o movimento feminista, surge em um momento histórico de transformações políticas e econômicas, cujo objetivo era conquistar os mesmos direitos que o gênero masculino, como, por exemplo, o direito ao voto. Esse movimento, sendo o primeiro passo rumo à liberdade feminina no momento pós-Revolução Industrial, foi intitulado de sufragista, e ficou conhecido como a Primeira Onda Feminista (OLIVEIRA e CASSAB, 2014).

A Segunda Onda Feminista se apresenta para o mundo quando o movimento ressurgiu, nos anos 60, questionando os parâmetros políticos e sociais impostos às mulheres à época, rompendo com uma série de tabus característicos da dominação masculina no âmbito privado tornando esses tabus e seus enfrentamentos para o âmbito e responsabilidade públicos. Esse questionamento vai ser explicitado pelas feministas através do *slogan* “o pessoal é político”, ao abordarem politicamente questões de sexualidade, como, por exemplo, o uso de anticoncepcionais (MARTINS, 2015).

As feministas há muito tempo reconheceram como imperativo o trabalho de procurar, definir e criticar a complexa realidade que dirige nosso modo de pensar, os valores que defendemos e as relações que compartilhamos, especialmente no que se refere ao gênero. Se o contexto é o que conta, o feminismo, em suas diversas formas, está obrigado a descobrir o que nos rodeia e a nos revelar as relações de poder que constituem as criaturas que vamos ser. ‘O pessoal é político’ é o credo desta prática com sentido crítico” (DIETZ, 1999, p. 3).

A Primeira Onda Feminista no Brasil segue os ideais internacionais de busca de direitos políticos, de contestação da exclusão das mulheres da política, em especial quanto ao direito ao voto, alcançando esse direito em 24 de fevereiro de 1932 (MARTINS, 2015). As sufragistas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga e cientista, na companhia de operárias de ideologias de esquerda que na ocasião também se organizavam pela busca de direitos políticos e trabalhistas. Essa primeira onda do feminismo presente na Europa, Estados Unidos e Brasil persistiu dos anos 1930 aos anos 1960 (PINTO, 2010).

A Segunda Onda Feminista na América Latina, em especial no Brasil, coincide com o período da Ditadura Militar, nos anos 1970. Em meio ao autoritarismo, ela surge como forma de resistência das mulheres à Ditadura Militar, intrinsecamente ligada aos movimentos de oposição, que lhe deram um caráter amplo e heterogêneo (COSTA, 2005). Durante esse período, o movimento feminista articulava as lutas contra as

formas de opressão das mulheres na sociedade, no contexto internacional abordando questões mais relacionadas à sexualidade, ao direito ao divórcio e ao uso de anticoncepcionais e, na América Latina, abordando as lutas pela redemocratização.

No período da redemocratização no Brasil, o movimento feminista alcança novos avanços constitucionais, como a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, o qual conquistou a inclusão dos Direitos Femininos na Constituição de 1988. Já na década de 1990, o foco da luta feminista era o combate à violência doméstica que, apenas em 2006, adquire um espaço na Constituição, com a criação da Lei Maria da Penha, a qual criminaliza a violência doméstica contra a mulher (ALVES e ALVES, 2013).

1.1 Mulheres brasileiras e sua formação intelectual e letrada

A respeito da educação feminina no Brasil, conforme a perspectiva histórica apresentada por Tomé *et al.* (2012), durante o período colonial, a educação feminina era voltada para a vida doméstica. Somente em meados do século XVIII foi que o acesso da mulher à educação escolar formal foi permitido, embora ainda restrito às classes mais abastadas, visto que somente escolas privadas eram abertas a elas.

Em 1827, o ensino público gratuito foi sancionado e, a partir disso, mulheres de todas as classes puderam, finalmente, aceder à educação formal. No entanto, mesmo podendo frequentar a escola, sua educação continuava segregada e desigual, pois as instituições possuíam currículos diferentes para homens e mulheres, e o Ensino Superior ainda era proibido para o público feminino (TOMÉ *et al.*, 2012). O Estado, calcado na estrutura patriarcal, entendia que as mulheres precisavam ser “educadas” e não “instruídas”, reforçando uma suposta lógica da moral e dos bons costumes na constituição de seu caráter, limitando o acesso feminino a pequenas porções da intelectualidade.

Segundo a pesquisadora Regina Zilberman (1993), em seu ensaio “Leitoras de carne e osso: a mulher e as condições de leitura no Brasil”, em que busca demonstrar, por meio da análise de depoimentos feitos e colhidos por visitantes estrangeiros, intelectuais, professores e militantes brasileiros sobre o ato de leitura das mulheres no Brasil, o caráter educacional tardio (do ponto de vista histórico), o caráter sectário (do ponto de vista social) e o caráter regional (do ponto de vista geográfico), aspectos tais que retardaram em muito o acesso feminino aos bens culturais do universo da leitura, e, principalmente, do universo letrado, na época.

Em pleno século XIX, segundo a autora supracitada, esses depoimentos documentam a pouca ou quase nenhuma leitura na vida de mulheres brasileiras, que, quando leitoras, esbarravam no caráter restritivo daquilo que liam, tendo em vista, entre outras razões, que essas escolhas do que ler passavam pelo crivo masculino. Elas tinham acesso, em geral, aos folhetins e a romances ligeiros, além de textos religiosos. Estes gêneros serviam para a estabilização do papel da mulher na vida familiar, como mulher esposa-mãe, e tinham por finalidade manter certo controle de seu público leitor quanto aos modos, demandas e práticas sociais.

[...] apesar de ter havido entre 1890 e 1920 alguns movimentos socioeconômicos priorizando a necessidade da educação feminina - especialmente as campanhas contra o analfabetismo desenvolvidas pelo governo e as reivindicações do movimento feminista brasileiro -, a história da educação feminina no Brasil confirma a difícil formação do público leitor feminino. É só a partir de 1920 que as brasileiras conseguem ter acesso mais garantido às escolas e à alfabetização, condição primeira para tornarem-se leitoras. Embora numericamente mais alfabetizadas que as gerações anteriores, ainda sofriam resistência para tornarem-se leitoras: tanto a Igreja como a família consideravam os romances, especialmente os naturalistas franceses, nocivos e perigosos à formação da moral feminina. Portanto, era necessário tutelar a mulher leitora, a fim de evitar que ela se tornasse “imoral” e “leviana” (HELLER, 1997. p. 9)

Visto o caráter tardio na conquista de direitos femininos e as restrições históricas, sociais e culturais que limitaram e ainda limitam o acesso à cultura e educação das mulheres, podemos observar que, embora não existam mais proibições explícitas quanto às práticas de leitura na sociedade ocidental, e embora o desenvolvimento de tecnologias tenha facilitado o acesso a fontes de informação diversas, a produção e a acessibilidade dessa produção continuam demarcadas por questões de gênero. Isto é evidenciado pelo estilo de boa parte das publicações destinadas ao público feminino, orientadas ao entretenimento e não à informação (CARVALHO, 2017).

Se observarmos a história da escrita e da leitura, é possível identificar que essas atividades sempre foram associadas ou restritas ao poder, às classes dominantes, tal como afirma Chartier (1990, p.28), segundo o qual “compreender estes enraizamentos exige, na verdade, que se tenham em conta as especificidades do espaço próprio das práticas culturais que não é de forma nenhuma passível de ser sobreposto ao espaço das hierarquias e divisões sociais”.

Essas hierarquias e divisões de poder não se limitam apenas às dimensões socioeconômicas e culturais, elas também se instalam em relação ao gênero. Por isso, é preciso assumir sempre uma abordagem interseccional, que considere tanto os aspectos mencionados por Chartier (1990) quanto os aspectos que a eles se somam e se especificam de uma cultura a outra, como é o caso quando consideramos o contexto brasileiro e nos dedicamos a observar mais de perto pontos relativos à produção de obras com destinação a um público sobretudo determinado pelo gênero e que refletem sobre gênero.

Tendo em vista esse cenário histórico, internacional e nacional, de difusão e expansão das ideias feministas graças à incorporação de novos e diferentes meios de comunicação e também de sujeitos que assumem esse ‘lugar de fala’¹, decidimos, neste trabalho de pesquisa, levantar, selecionar e analisar discursivamente alguns enunciados provenientes de diferentes fontes que façam indicação de leitura de livros e autores que abordam, direta ou indiretamente, o feminismo, e que, de certo modo, contribuem para a constituição do que poderíamos chamar de uma espécie de biblioteca de clássicos ou de incontornáveis para a mulher leitora feminista. Não se trata aqui de um *corpus* amplo com fontes muito distintas, nem de uma análise extensa e ampla. Por se tratar de um primeiro trabalho de pesquisa, nos detivemos em um número modesto de fontes, mas representativo desse tipo de texto de divulgação de obras feministas para o segmento de público visado.

Ao pesquisarmos em buscadores na internet, nos deparamos com alguns *blogs* e sites que divulgaram essas listas de indicações de leitura. Selecionamos, com essa busca, as publicações no site das revistas “Superinteressante” e “Revista Cult,” do *site* de notícias da “Huffpost Brasil” e do blog de uma editora, “Blog da Boitempo.” São páginas que tratam de temas variados, algumas delas dedicadas à produção e divulgação de livros, propriamente ditos, como é o caso do blog da Editora Boitempo, que anuncia produções para esse segmento de leitoras, e outras provenientes de revistas informativas, de divulgação científica ou culturais que abordaram em um texto ou número especial, sob a forma de notícia, de reportagem ou de entrevista, o tema do feminismo, por meio da alusão a obras e autores de interesse feminista; outras, ainda,

¹ Referimo-nos ao termo utilizado por Djamila Ribeiro em seu livro “O que é lugar de fala?” para definir uma questão estrutural que prioriza discursos de determinados grupos sociais em vez de outros. Segundo a autora, o lugar de fala é a maneira de viabilizar discursos silenciados e de viabilizar os não ditos que baseiam os discursos sobre-representados (RIBEIRO, 2017).

são sites noticiosos que, em algumas de suas postagens, fazem menção a livros e autores, recomendando-os, fazendo sua crítica, citando-os, etc. O tema comum desses textos selecionados, ou mais precisamente, de alguns enunciados que retiramos destes textos e que constituem o *corpus* desta nossa pesquisa, são as referências a leituras de teor ou de interesse feminista, indicadas a leitores, em geral, mulheres, que se identificam com este posicionamento e que podem se interessar por uma biblioteca de autores e livros essenciais a esse respeito.

Diante desse *corpus*, nosso objetivo consiste, portanto, no levantamento e análise de enunciados presentes nas indicações de leitura de obras voltadas para o segmento de público que se interessa pelo tema do feminismo e/ou se identifica como feminista. Esses textos com indicações de títulos têm como característica em comum se referirem à leitura, a livros e a autores que abordaram o tema do feminismo, e que em sua formulação podem nos fornecer indícios sobre aspectos do perfil leitor dessa comunidade e sobre certas representações das práticas de leitura previstas, realizadas ou idealizadas, por seus autores e editores.

Em nossa análise, os enunciados foram analisados com base em alguns conceitos apresentados por Michel Foucault (1996), em *A Ordem do discurso*, de modo a apreendermos eventuais regularidades ou então diferenças do que se enuncia, e do modo como isso é feito, nesses textos do *corpus*, assim como com base no conceito de ‘representação’, tal como adotado por Roger Chartier (1990), no campo da História Cultural.

2 Fundamentação teórica

O presente estudo parte das reflexões de uma série de outras pesquisas que se dedicaram a estabelecer proximidades teóricas e diálogos possíveis entre vertentes da Análise do Discurso no Brasil e da História Cultural para, com isso, analisar discursos sobre a leitura e representações de leitores e de suas práticas, ao longo da história e especialmente em nossa cultura². Assim, com base na articulação teórica promovida

² Entre os estudos e autores nacionais que mobilizaram os princípios desses dois campos, estabelecendo esse diálogo para mais bem compreender os discursos sobre a leitura e sobre os leitores no Brasil, cf. Barzotto & Britto (1998); Abreu (2001a; 2001b; 2006); Curcino (2006; 2016; 2018; 2020); Varella & Curcino (2014). Cf. ainda o número temático da revista *Linguasagem*, vol. 32, publicado em 2019, composto de trabalhos dos pesquisadores do LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura, todos fundamentados nesta interface. Disponível em:

nesses estudos, nos dedicamos neste trabalho a apreender aspectos das representações da leitura e dos leitores a partir da análise de listas de indicações de obras feministas, disponíveis em sites de distintas origens institucionais.

2.1 Breve nota acerca da “ordem dos discursos”

Para nossa análise, nos apoiaremos em algumas reflexões presentes na obra de Michel Foucault, intitulada *A ordem do discurso* (1996), a fim de observarmos as relações de coexistência e quais as regularidades entre os enunciados selecionados acerca das práticas de leitura e do público leitor tal como presentes em nosso *corpus*, de modo a formar “unidades” discursivas, sobre o que é dito das práticas de leitura, sob a forma de recomendação destas, no que diz respeito ao que ler e porque ler, e a que público se dirige, indicando assim quem deve ser leitor.

Para compreender as “unidades” discursivas, iniciaremos explicitando o conceito de discurso de Foucault (2008). O autor explicita que o discurso é formado como um conjunto de enunciados que não são reduzidos a objetos linguísticos, atos de fala ou frases, mas sim, a partir de uma ordem, correlação, funcionamento e transformação, regidos por um conjunto de regularidades que vão determinar sua homogeneidade e dispersão.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...) (FOUCAULT, 2008, p.132 -133).

Ainda segundo o autor:

Um conjunto de regras anônimas, históricas estabelecidas no tempo e espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p.133)

Se o discurso é constituído por enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva e esta é determinada por condições de existência de uma dada época ou área, é importante definirmos o que é o ‘enunciado’ para o autor:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita); é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008, p.98).

Foucault (2008) elucida que, o enunciado depende de condições de existência, que são determinadas não somente por fatores linguísticos, mas também por um conjunto de regularidades que prescrevem o que pode ser dito, de que modo, em qual circunstância e por qual sujeito, em uma relação de coexistência com outros enunciados, onde um dizer não é autônomo em relação a outros. Essas regularidades podem ser entendidas como a “ordem” sob a qual os discursos se constituem.

Segundo, Varella e Curcino (2014) a “ordem discursiva” apresentada por Foucault (2012), exerce formas de controle sobre as emergências, e regula o que pode ser dito e de que forma, atribuindo o *status* de verdade a um enunciado, em detrimento de outros, autorizando e desautorizando os sujeitos e seus dizeres, determinando, então quais permanecerão para além da enunciação e quais desaparecerão.

O conceito de “unidade” discursiva, nos ajuda, então, a compreender, essas condições de existência e seu conjunto de regularidades, tidos como a “ordem” a qual os discursos são submetidos, que vão determinar o processo de formação de um enunciado, em um tempo e espaço, sobre um dado tema e sua condição de verdade.

Curcino (2020) explica que para entender o conceito de “unidades” concebido por Foucault, é necessário, em primeiro momento, suspeitar das continuidades/unidades que se apresentam como naturais, para posteriormente considerar os enunciados na singularidade de sua situação, na dispersão de seu acontecimento e em sua emergência e assim estabelecer suas correlações com outros enunciados.

Para explicitar melhor o funcionamento dos discursos, no que diz respeito a suas regularidades e condições de existência, Foucault apresenta o que chama de princípios reguladores discursivos, que explica em sua obra *A Ordem do Discurso* (1996), os quais nos ajudam a entender o funcionamento dos discursos e suas “unidades” discursivas, que seguem: Noção de Acontecimento; Noção de Série; Noção de Regularidade e Noção de Condição de Possibilidade, as quais nos ajudam a entender o funcionamento dos discursos e suas “unidades” discursivas.

A noção de Acontecimento diz sobre as condições discursivas e não-discursivas necessárias em um determinado momento para que um pensamento ou dizer possa acontecer. O discurso, depende então não só de regras internas, mas também de condições externas, sendo eventos aleatórios e contextualizados, que nos permitem relacionar o acontecimento enunciativo com acontecimentos de outras ordens (social, política, econômica, etc). Contudo, para compreender a noção de acontecimento, é necessário entender as condições de um determinado momento que possibilitam a emergência para que um determinado enunciado seja aceito como verdadeiro.

Segundo a noção de Série, o discurso não possui continuidade temporal, por isso, não segue uma série evolutiva inquestionável. Essa noção diz respeito a um tema, ou a uma obra não ter estabilidade ou continuidade discursiva em uma linha temporal, mas sim relações com múltiplas determináveis históricas, que a retomam ou complementam, em uma rede discursiva atemporal.

Na noção de Regularidade, são observadas as regras sobre a distribuição e reprodução de singularidades, na qual se evita recorrer à ideia de originalidade que é atrelada a um sujeito autor, ou a continuidade de um discurso anterior.

Segundo os princípios da noção de Condição de Possibilidade, não existem significados fixos nos discursos, há, pelo contrário, a possibilidade de verdade em uma complexa rede de significantes, a partir de relações de forças, definidas como condições de emergência.

Quatro noções devem servir, por conseguinte, de princípio regulador à análise: a de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade. Vemos que estas noções estão em oposição, termo a termo, a outras: o acontecimento à criação, a série à unidade, a regularidade à originalidade, e a condição de possibilidade à significação. Estas quatro últimas noções (significação, originalidade, unidade, criação) têm dominado, de uma maneira geral, a história tradicional das ideias, na qual, de comum acordo, se procura o ponto da criação, a unidade de uma obra, de uma época ou de um tema, a marca da originalidade individual e o tesouro indeterminado das significações ocultas. (FOUCAULT, 1996, p.51)

Apresentados os conceitos, nos apoiaremos na “ordem do discurso”, já que essa trata de observar o que é enunciado, considerando suas condições de existência e regularidades a respeito do modo como se diz, contextos em que se encontram os dizeres e seus sujeitos, validando a sua verdade, de modo a encontrar unidades

fundamentais para nossa compreensão acerca do que é enunciado no *corpus*, no caso de nossa análise, o que se diz sobre as práticas de leitura de obras feministas e seus leitores.

2.2 Breve nota acerca da noção de ‘representação’

Apresentados os conceitos de Foucault (1996) para a análise dos enunciados, nos ocupamos observar conceitos sobre a História Cultural a partir da perspectiva de Chartier (1990), a qual trata não somente dos mecanismos de produção cultural, mas também dos mecanismos de recepção desses objetos. Definida pelo autor como “análise do trabalho de representação” (CHARTIER, 1990, p. 27).

A História Cultural para, Chartier (1990) implica em repensar a História Cultural a partir das noções de “prática” e “representação”, nas quais se relacionam sujeitos entre si e com o mundo. Segundo Chartier, as “práticas” são estabelecidas nas “representações,” nas “lutas de representações” e no “poder,” sendo mediadas por uma ordem discursiva, por isso, não podem ser tomadas como pacíficas.

[...] trata-se de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, [sendo necessário] considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções próprias de cada grupo ou meio como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social. (CHARTIER, 1990, p.25)

Sobre o conceito de representação apresentado por Chartier (2011), temos que a compreensão não é tão simplista, na qual a representação poderia ser entendida como a correspondência efetiva da prática, mas sim que a representação também pode ser usada para persuadir.

Não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores [de] que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram (CHARTIER, 2011, p. 27).

Varella (2014) apresenta que o conceito de representação é o que aproxima Chartier da *Análise do Discurso*, visto que o autor concebe que a prática dos historiadores como intérpretes do passado é como a análise dos enunciados em seu

acontecimento, em que é necessário considerar o que se disse, qual sujeito, com que autoridade, de que lugar, com que finalidade, por quais razões.

(...) o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um *status*, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “representativa” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder (CHARTIER, 2011, p.20)

Assim, essas representações, que operam discursivamente, se manifestam, como o discurso, em formas materiais, tal como livros, revistas, jornais, em textos, declarações de sujeitos e instituições (VARELLA e CURCINO, 2014). Da mesma forma, que os discursos devem constituir-se conforme uma “ordem discursiva,” a representação, também se constitui a partir desta ordem, a qual vai delimitar as circunstâncias, os sujeitos e contextos a respeito de uma determinada prática.

Dado o *corpus*, que tem como base enunciados retirados de textos que contém ou que consistem em listas de recomendação de leituras feministas, recorreremos ao conceito de representação de Chartier, com intenção de encontrar vestígios nos enunciados que nos permitam identificar o que se tem representado como prática de leitura e o que seria o público leitor das obras indicadas, dado que “as formas de ler não estão, de maneira alguma, separadas das práticas de escrita ligadas a elas” (CHARTIER, 2001, p.20).

3 Metodologia de coleta de dados e de análise

O *corpus* da pesquisa foi constituído através de buscas de textos disponíveis virtualmente junto a diferentes *sites*, valendo-nos especialmente do buscador *Google*, a partir do termo “livros feministas.” Foi feita a seleção dos 4 primeiros *sites*, considerando sua relevância e número de acessos pelo público, apresentados no

buscador do *Google*, a partir da ferramenta de ranqueamento na plataforma de pesquisa, que apresenta em ordem os *sites* mais acessados, desde o topo até a base da página.

Uma vez localizados os textos publicados em *sites* que se dedicaram exclusiva ou indiretamente à temática do feminismo, e mais especificamente à indicação e/ou recomendação de alguma obra de interesse ao segmento leitor feminista, selecionamos enunciados de textos publicados nos sites de duas mídias corporativas, “Revista Cult”, “Superinteressante”, do blog institucional da Editora Boitempo, seguindo de um site especializado em notícias, Huffpost Brasil, versão nacional do portal estadunidense “The Huffington Post”.

A lista de obras sugerida pela Revista Superinteressante, publicada em seu site em 2018 e intitulada “*6 livros atuais que toda feminista deveria ler*”, foi a primeira em ordem de acessos indicada pelo buscador *Google*. Essa lista apresenta títulos interseccionais e em sua maioria publicados no século XXI. Em seguida temos a lista publicada no *site* da Revista Cult em abril de 2018, intitulada “*14 livros feministas essenciais de acordo com a Biblioteca Pública de Nova York*”, lista como o próprio título da matéria anuncia, foi publicada originalmente no site da biblioteca pública de Nova York, com o título “Know your feminisms”.

O terceiro endereço mais indicado no ranking do buscador *google*, foi o do site especializado em notícias, Huffpost Brasil cujo texto e lista indicam “*11 livros para entender por que é importante ser feminista, segundo 9 ativistas*”, com matéria produzida coletivamente, entre a autora e mais 9 ativistas convidadas. Por fim foi selecionado o Blog institucional da editora Boitempo, cujo texto indica “*12 livros feministas que você precisa conhecer*”, lista composta por obras de perfil mais acadêmico, o que talvez se justifique pela própria necessidade de incluir títulos com publicações da própria editora, mais voltada para esse segmento.

A escolha desse *corpus* de textos se justifica em função de nosso objetivo de analisar enunciados de incentivo à leitura de obras e autores feministas, cuja circulação não se restringe apenas a instituições dedicadas exclusivamente à causa. Nosso objetivo é flagrar nesses enunciados provenientes de textos variados, produzidos por sujeitos e instituições diversos, eventuais repetições de referências ao mesmo objeto, título e autor, regularidades quanto ao modo de descrever esses livros e de se referir às práticas de leitura e leitoras que deles se pode fazer.

Após a coleta do *corpus*, realizamos separação dos textos encontrados, tal como consta nos anexos neste trabalho. Em seguida, para a análise, selecionamos alguns enunciados no interior destes textos que agrupamos em conjuntos, em função das regularidades que apresentassem quanto ao que era dito ou quanto ao modo como se dizia acerca de práticas de leitura e de leitores. Essas duas operações permitiram-nos depreender um conjunto de condições que tornam possíveis as emergências de certos enunciados e não outros, em relação ao tema da leitura nesse campo temático específico.

Uma vez agrupados os enunciados em função de suas regularidades, realizamos propriamente a descrição de sua materialidade linguística, observando a escolha lexical neles expressa, as categorias de qualificativos empregados em relação a essa prática (adjetivos e outros modalizadores), as formas de projeção dos sujeitos para quem essas recomendações são dirigidas, de modo a identificar discursos sobre a leitura que neles são reiterados.

4 Listas de indicação de livros: constituição do *corpus* e sua análise

Observamos que os textos de nosso *corpus* contendo listas com indicações de leitura de obras sobre o feminismo ou feministas, embora provenham de mídias de distintos vieses editoriais e que se dirigem a diferentes segmentos de público, ainda assim apresentam regularidades em nada negligenciáveis.

Entre as mídias institucionais do *corpus*, a Revista Cult foi criada em 1997 como uma publicação brasileira de circulação nacional, concentrada em temas ligados às artes, à literatura, à filosofia e às ciências humanas, produzida por jornalistas, acadêmicos e destinadas especialmente a esse público acadêmico, de intelectuais especialmente da área de humanidades, ou interessados nos debates dessa área. A segunda mídia institucional é a Revista Superinteressante, que consiste em uma revista brasileira de divulgação científica e cultural, publicada mensalmente pela Editora Abril, desde setembro de 1987, destinada a um público mais jovem, em formação escolar, interessado em curiosidades e atualidades científicas de modo geral. A terceira fonte de nosso *corpus*, também de origem institucional, é o Blog da Boitempo, que consiste em um blog dessa importante editora brasileira, fundada em 1995 por Ivana Jinkings, que, em seu catálogo, prioriza publicações de ensaios, em diversas áreas das ciências

humanas, como economia, política, história e cultura, assinados por influentes pensadores nacionais e internacionais. Já o site especializado em notícias, Huffpost, criado por Arianna Huffington e Kenneth Lerer, e lançado em 9 de maio de 2005 nos EUA, posteriormente, em 2013 é lançado no Brasil como Huffpost Brasil, onde publicava regularmente matérias e notícias de diferentes rubricas (política nacional e internacional, cultura, entretenimento, dicas de saúde, opiniões comportamentais, etc), encerrando suas atividades em novembro de 2020.

O tema ‘feminismo’ é explorado nesses veículos de maneira eventual, não equivalendo a publicações especializadas no tema ou que o priorizem em relação a outros temas. Embora não especializadas, essas instituições não se furtam de tratar, ainda que de forma isolada e eventual, de um tema relevante da atualidade, em textos que trazem “indicações de leituras feministas.”

A lista publicada na seção de Gênero e Sexualidade da Revista Cult, em abril de 2018, intitulada “*14 livros feministas essenciais de acordo com a Biblioteca Pública de Nova York*” (Cf. Anexo II), equivale a uma seleção de algumas obras fundamentais para refletir sobre as conquistas históricas das lutas feministas, lista que foi criada por Lynn Lobash, gerente do departamento de serviços ao leitor da Biblioteca Pública de Nova York. Esta bibliotecária sugere quatorze títulos, todos disponíveis na Biblioteca Pública de Nova York, de diferentes gêneros (dez ensaios teóricos, duas ficções, um ensaio humorístico e uma novela gráfica). Das quatorze obras indicadas, apenas uma não tem tradução para o português, cinco delas caracterizam-se por sua abordagem interseccional e nenhuma é brasileira.

A lista de obras sugerida pela Revista Superinteressante, intitulada “*6 livros atuais que toda feminista deveria ler*” (Cf. Anexo III), foi concebida pela jornalista Pâmela Carbonari e publicada na seção Sociedade, em junho de 2018. Entre as obras indicadas, encontram-se quatro ensaios teóricos, sendo três traduzidos para a língua portuguesa e um de produção nacional, além de duas biografias traduzidas. Todas as obras foram publicadas no século XXI, mais especificamente, quatro no ano de 2018, uma em 2017 e uma em 2015, e duas delas se caracterizam por suas abordagens interseccionais.

O Blog da Boitempo, por sua vez, indica “*12 livros feministas que você precisa conhecer*”, lista publicada em março de 2016, criada por Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel, autores de “Feminismo e política: uma introdução”, pela própria editora, (Cf. Anexo IV). Os livros sugeridos pelos especialistas no tema são onze ensaios teóricos,

dos quais sete não possuem tradução para a língua portuguesa, três tem tradução e apenas um é de produção nacional, além de uma biografia também sem tradução para a língua portuguesa. Das obras indicadas, três são conhecidas por sua interseccionalidade.

O Huffpost Brasil concentra-se em indicar “11 livros para entender por que é importante ser feminista, segundo 9 ativistas” (Cf. Anexo V), em uma publicação feita pela jornalista Andréa Martinelli, na seção Mulheres do *site*, em abril de 2017. As ativistas que participaram da lista de indicações de obras, se declaram feministas e são especialistas na temática: Monique Evelle, ativista e criadora do projeto Desabafo Social, Anna Haddad, criadora da Comum (plataforma de desenvolvimento humano focada em mulheres), Luíse Bello, publicitária, feminista, colaboradora da ONG Think Olga, Amara Moira, travesti, feminista e doutoranda pela Unicamp, Nana Soares, jornalista e cocriadora do projeto ‘Você não está sozinha’ para o Metrô de SP, Carol Patrocínio, jornalista e cofundadora da Comum, Fernanda Kallianny Martins, feminista e membro do coletivo Capitolina, e Stephanie Ribeiro, arquiteta, ativista e feminista negra. A lista concentra onze obras, entre elas, seis biografias com tradução para a língua portuguesa, três ensaios teóricos nacionais, uma ficção traduzida e um discurso transcrito e traduzido para a língua portuguesa. No tocante às obras, sete são reconhecidas por suas características interseccionais.

4.1 Listas de indicação de livros: uma análise desse ‘gênero do discurso’

Considerando o *corpus*, de onde foram retirados os enunciados que compõem nossa análise, faz-se necessário contextualizar, ao menos brevemente, a noção de gêneros do discurso de Bakhtin (1997), a qual nos possibilita a classificação do gênero “lista de recomendação de leituras feministas”, encontrado na investigação. O autor define ‘gêneros do discurso’ como tipos relativamente estáveis de enunciados, caracterizados pela regularidade de seu ‘conteúdo temático,’ ‘estilo verbal’ e ‘construção composicional,’ que refletem condições e finalidades específicas de cada uma dessas esferas da comunicação.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais — mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p.261)

Para Bakhtin (1997), os gêneros podem ser separados em dois grupos: gêneros

primários e gêneros secundários. Os gêneros primários (simples) fazem parte da esfera cotidiana da linguagem, que se constituem em circunstâncias de comunicação verbal espontânea, como diálogos, bilhetes, etc, e os gêneros secundários, geralmente mais complexos, aparecem principalmente na escrita e em comunicações culturais formais e são constituídos de gêneros primários de todas as espécies.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo) (...) durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. (BAKHTIN, 1997, p. 282)

Dadas as definições referentes a gênero primário e secundário que são desenvolvidas por Bakhtin (1997), e observadas as seguintes características do gênero analisado no presente trabalho, como sua complexidade, sua expressão verbal escrita e sua composição feita por enunciados (simples) primários, podemos deduzir que o gênero discursivo “lista de indicação de leituras” pode ser definido como um gênero secundário.

Acerca das escolhas temáticas deste gênero listas de indicação de livros, podemos averiguar que todas as quatro fontes escolhidas para compor esse estudo possuem o mesmo tema: indicação de livros sobre feminismo para leitores interessados no tema, especialmente mulheres. Tanto pelos títulos indicados (ainda que quantitativamente essa indicação varie de uma lista a outra), quanto pelas avaliações/descrições breves que em geral acompanham as listas, depreende-se essa regularidade de seu conteúdo temático, de indicar títulos, de justificar a indicação e de motivar sua leitura.

Para Bakhtin (1997), o tema ou a escolha temática não estão relacionados apenas ao objeto enunciado (assunto), mas sim a uma relação ideológica com o conteúdo divulgado, pois este se inscreve em uma situação social. Não se produzem listas de livros para segmentos específicos, nem se recomenda sua leitura a públicos também específicos a não ser quando se está diante de um cenário favorável à recepção de certos temas, obras e autores, ou seja, a uma situação social como a da difusão do feminismo, seja por sua expansão e promoção, seja por sua estigmatização e combate. O tema, no Brasil, se encontra na última década em pleno vigor, seja motivado pelo

fato de pela primeira vez na história do país sermos governados por uma mulher, seja motivado pelo recrudescimento de expressões reacionárias quanto à importância, urgência e necessidade de discussão precoce, ampla, constante e institucionalizada da discussão em torno do gênero.

Quanto aos enunciadores, inscritos nesses textos de que fazem parte as listas de indicações de livros sobre o feminismo, eles projetam enunciatários ideais e comuns, ou seja, é possível identificar traços comuns de aspectos do perfil leitor visado por cada lista, afinal:

Em cada enunciado - da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou literatura - abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção de discurso ou a vontade discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado. Essa ideia determina tanto a própria escolha do objeto (em certas condições de comunicação discursiva, na relação necessária com os enunciados antecedentes) quanto os seus limites e a sua exauribilidade semântico-objetiva. (BAKHTIN, 1997, p. 281)

Tal como dissemos anteriormente, a lista publicada na Revista Cult foi criada por Lynn Lobash, gerente do departamento de serviços ao leitor da Biblioteca de Nova York. Como bibliotecária responsável pela promoção do acesso aos acervos da biblioteca, assim como à ampliação dos serviços desta instituição, por meio da adoção de um papel mais ativo na interpelação de leitores e no fomento à leitura, ela se dirige sobretudo a potenciais frequentadores da biblioteca de Nova York, ensejando assim a constituição de novos nichos de leitores para a Biblioteca e justificando sua relevância enquanto instituição preocupada em atender uma pluralidade de demandas, em especial aquelas da atualidade, por públicos em constituição.

Tal como na lista da Revista Cult, a enunciativa do texto onde consta a lista publicada na Revista Superinteressante é também uma mulher. A jornalista Pâmela Carbonari fala como quem cobre o tema em várias matérias de revistas distintas da mídia. Seu texto, com sua lista de indicações, é bastante claro. Como divulgadora, ela busca, em relação ao tema, encontrar formas de abordá-lo e popularizá-lo, tornando-o mais acessível ou um pouco mais democrático tendo em vista um público variado e potencialmente amplo, ainda que suas indicações priorizem ensaios teóricos (que

podem ser direcionados a níveis educacionais mais altos), mas também contém biografias que podem ser lidas por qualquer público letrado interessado.

A lista indicada pelo Blog da Boitempo é a única que possui uma participação masculina em sua autoria. Ela é construída por Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel, ambos cientistas políticos e estudiosos da temática feminista. O lugar que eles ocupam é o de acadêmicos e suas indicações dialogam, quase em sua totalidade, com o público acadêmico, de interesse pela temática do feminismo. Sendo constituída, em sua maioria, por ensaios teóricos, como, por exemplo, a obra “*A mulher na sociedade de classes*” de Heleith Saffioti, a qual foi publicada pela primeira vez em 1969, como tese de livre-docência da autora, defendida na Universidade de São Paulo.

A lista publicada pela Huffpost Brasil traz oito mulheres ativistas do feminismo, de formação profissional diversa, como vozes potentes e adequadas para indicação de livros dessa temática, com títulos que tenham tido importância peculiar em suas vidas. Assim, sua indicação não é aquela de um expert ou especialista apenas, mas sobretudo como mulheres, intelectuais, ativas e pioneiras na discussão. São elas: Monique Evelle, Ana Haddad, Luíse Bello, Amara Moira, Nana Soares, Carol Patrocínio, Fernanda Kallianny e Stephanie Ribeiro. Cada uma delas possui uma atuação dentro movimento feminista que independe de sua formação acadêmica. Pela variedade de suas vozes e pontos de vista, bem como por sua experiência na luta de causas feministas, elas têm um lugar de fala mais reconhecido na indicação de livros que possam interessar outras mulheres, que possam melhor apresentar o movimento feminista, e que, através da leitura, possam se identificar e (dentro de suas possibilidades) participar do movimento.

Quanto ao ‘estilo verbal,’ segundo Bakhtin (1997), ele pode ser definido como a maneira, a forma como cada gênero prevê formas específicas de se expressar o que se quer expressar.

De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos (...). Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1997, p.284)

Dentre as listas que compõem o *corpus* desta pesquisa, observamos características estilísticas sistematicamente repetidas que contribuem para a estabilização do gênero “listas de indicação de leituras feministas”. As listas, em geral, são compostas de linguagem verbal, e em função de seu público e de seu meio de circulação, são em geral acompanhadas de um texto, de uma resenha explicativa das obras que varia quanto ao grau de formalidade da linguagem empregada, quanto às escolhas lexicais e ao tipo e frequência de modalizadores discursivos, entre eles principalmente os adjetivos e advérbios.

Os textos compostos com as listas de indicação de livros são compostos de linguagem verbal e não verbal. Os recursos verbais são utilizados para explicar a razão da escolha de cada um dos livros, informar sobre quem são as autoras e fornecer a sinopse do livro indicado. A linguagem não verbal utilizada nas listas resume-se a ilustrações que aludem ao hábito da leitura das mulheres, as fotos das autoras dos livros indicados e a fotos das capas dos livros.

As ilustrações referentes ao hábito da leitura são utilizadas para chamar atenção para a temática da matéria publicada; já as fotos das autoras servem tanto para mostrar quem são as mulheres que escreveram aqueles livros trazidos pelas listas quanto para a leitora da matéria criar algum vínculo visual com essas autoras e despertar a vontade de acessar esses conteúdos; já as capas dos livros permitem um contato prévio com o livro como objeto cultural, para reconhecimento prévio capaz de conferir maior familiaridade com o livro específico e incitar, por meio da linguagem da capa, a atração dos olhares de quem busca uma nova leitura.

A título de exemplo, o texto em que consta a lista da Revista Cult, se vale da linguagem não-verbal através de uma fotomontagem, composta pela colagem de diferentes fotografias de busto de autoras fundamentais do século XX e XXI que abordaram o tema do feminismo. Conforme apresentada na Figura 1, a arte gráfica da fotomontagem é baseada na fotografia multiplicada de páginas de livros abertos, dispostos em paralelo uns aos outros, ou sobrepostos, de modo a atuarem como imagem de fundo para as fotos de cinco das quatorze autoras indicadas na lista (Judith Butler, Simone de Beauvoir, Audre Lorde, Marjane Satrapi e Bell Hooks), escolhidas por serem autoras de livros considerados precursores em suas discussões e estilos, além de

serem mais conhecidos internacionalmente.

FIGURA 1 – Imagem que ilustra a lista na Revista Cult



JUSTE BOUTER, SIMONE DE BEAUVOR, ANNE LITTLE, MARIANE SATTAJI e DAN TROSKO (Foto: Arndt Bröhl/Photo / Contrasto)

Fonte: Revista Cult (2018)

Sobre a linguagem verbal, presente neste texto da revista Cult, podemos observar seu grau de formalidade apresentado durante toda a matéria, a partir de suas escolhas lexicais. Sendo elas, nos descritivos que acompanham a introdução ou que acompanham cada sugestão de livro indicado, por exemplo, o texto que acompanha a indicação do livro “*Um teto todo seu*” de Virginia Woolf, que apresenta linguagem verbal mais sóbria, formal, indicando um público mais familiarizado com o universo de produções e instituições acadêmicas e também de interesse prévio no universo literário, aspecto esse sinalizado pela descrição feita da obra.

1 - *Um teto todo seu* (1929), de Virginia Woolf - Com base em palestras da autora, proferidas nas faculdades de Newham e Girton em 1928, o *Um teto todo seu* é um grande ensaio romancado que traz reflexões sobre a opressão feminina e a influência disso na produção literária de autoras. A tese central de Woolf é simples: uma mulher só é capaz de produzir literatura se for financeiramente independente e tiver, como diz o título, um teto todo seu.

A lista da Revista Superinteressante traz uma foto apresentada na Figura 2, com vista de cima de uma mulher lendo deitada na grama, com o livro posicionado sobre o rosto. Essa imagem reitera uma cena muito própria do imaginário relativo à leitura como prática relacionada a circunstâncias de distensão, informais e de entretenimento. Em certa medida, apesar da imagem retratar uma mulher lendo, o que indicia o tipo de público principal senão das produções indicadas, ao menos da matéria a esse respeito, que é visado ou que se pressupõe atingir, nessa imagem não se relaciona a leitura como meio de formação, nem sempre agradável, como um trabalho. A lista indicada não

contém textos exclusivamente leves, simples, que se leria prioritariamente ao ar livre, deitada na grama. Menos do que a adequação da imagem aos títulos indicados, às autoras citadas e à gravidade e importância do tema que abordam, essa imagem retoma outras, anteriores, conhecidas e reconhecidas, difusas e frequentes que conformam uma memória coletiva, uma memória discursiva imagética, em um funcionamento que Jean-Jacques Courtine (2013) nomeou de “intericonicidade”. Além dessa imagem, a lista é ilustrada ainda com a imagem da capa de cada um dos seis livros indicados, cada foto posicionada junto a sua indicação correspondente, como, por exemplo, a Figura 3, que compõe a linguagem não verbal dessa lista.

FIGURA 2 – Imagem que ilustra a lista na Revista Superinteressante



Fonte: Pâmela Carbonari (2018)

FIGURA 3 – Capa do livro “os homens explicam tudo para mim”



Fonte: Pâmela Carbonari (2018)

Sobre a linguagem verbal presente no texto publicado pela revista *Superinteressante*, podemos caracterizá-la como formal, a partir de suas escolhas lexicais da introdução. Por exemplo:

2 - Para a filósofa, nenhuma de nós nasce ciente do lugar que ocupa na sociedade e muitas morrem sem saber que podemos ocupar todo e qualquer espaço. [...] Uma pequena seleção de obras recentes para entender o feminismo e para que nenhuma leitora se sinta só na luta por equidade de gênero.

E nas sugestões de livros indicados:

3 - *Objeto Sexual* é uma autobiografia da colunista de gênero e política do Jornal *The Guardian*, Jessica Valenti.

No primeiro excerto, a enunciadora, em consonância com a representação da mulher leitora na imagem, interpela o leitor do texto pelo feminino, ao se incluir no grupo de que fala a filósofa citada, no grupo das leitoras de sua obra. Considerando que esta revista se destina a um público prioritariamente jovem, não é também de forma indistinta que se inscreve esse leitor, ou melhor, essa leitora ali pressuposto senão da obra, ao menos do texto que apresenta essas obras. A linguagem não técnica, não acadêmica, com períodos breves, com uma sintaxe direta, objetiva, com um léxico cotidiano, com referências mais anedóticas sobre as autoras e de passagens das obras e de alguns de seus conteúdos, é elemento fundamental para se depreender essa representação das leitoras jovens, em formação, ou futuras leitoras desse segmento de interesse para quem são indicadas as obras da lista. Há até mesmo um certo grau de informalidade em sua linguagem verbal, como nos trechos “*Clube da Luta Feminista*, Jessica Bennet – alô, alô, pessoal do RH! Fica a dica,” ou na indicação de *Feminismo em comum*, Márcia Tiburi “o que é bastante válido também, ok?”

Um aspecto que sinaliza ainda para essa escrita voltada para jovens leitoras tem a ver com a extensão do texto e da lista, de um texto mais longo, com descrições relativamente mais detalhadas de quem são as autoras, do que dizem os livros, enquanto a lista indicada é mais enxuta, conta com um menor número de obras. Assim, se

pressupõe menor conhecimento desse público acerca das escritoras e das obras, mesmo aquelas de grande circulação e renome em certos nichos, como também da necessidade de indicar um menor número de opções, com temas e realidades com as quais esse público pode se identificar mais facilmente e não se intimidar de iniciar a leitura frente a um conjunto muito amplo de obras.

A lista publicada no site da Boitempo, em sua linguagem não verbal, traz uma foto inaugural formada por uma colagem de doze fotos de contracapa das autoras de cada um dos doze livros, apresentada na Figura 4. São fotografias em preto e branco, em close frontal, cujas autoras estão em sua maioria sorrindo, representativas de todos os tempos, idades, etnias. Essa escolha não é gratuita. Embora sejam fotografias sóbrias, não estamos diante de poses taciturnas, nem dos simulacros estéticos, em geral atribuídos a feministas. São respeitáveis sem serem temíveis. Há leveza nessas imagens, assim como seriedade.

FIGURA 4 - Imagem da foto das autoras dos livros listados pela Revista Boitempo



Fonte: Biroli e Miguel (2016)

Diferentemente da linguagem verbal empregada na revista Superinteressante, a apresentação mais breve, mais sóbria, de um maior número de autoras e obras, no Blog da Boitempo, com uma linguagem mais extensivamente formal, também indicia um leitor prioritariamente feminino, mas não exclusivamente, assim como parece se dirigir

a um público mais maduro, mais familiarizado com o universo de produções acadêmicas e mais iniciado no tema. Isso pode ser observado tanto no texto de apresentação que antecede à descrição da lista com as obras indicadas:

4 - As reflexões produzidas pelo feminismo – numa economia expressiva, já que se trata na realidade de feminismos, no plural – colocam questões fundamentais para a análise da opressão às mulheres nas sociedades contemporâneas.

Quanto nos enunciados que acompanham a indicação de cada obra, com um comentário ou breve descrição:

5 - Um dos nomes de proa da primeira geração bolchevique, Kollontai dedicou-se a entender a relação entre classe e gênero.

Quanto a última fonte de nossos dados, infelizmente, dada a inatividade do site Huffpost Brasil há 1 ano, não foi possível trazer o *print* da página, tal como a matéria circulou na ocasião, com as imagens que constituíam o texto. Quanto à linguagem verbal, podemos caracterizá-la como formal, a partir de suas escolhas lexicais, embora em um estilo simples, direto, breve. A título de exemplo, é interessante ver a descrição apresentada na introdução do texto acerca dos livros da lista:

6 - As respostas se transformaram em uma lista inspiradora de 11 livros que formam um conjunto de leituras feministas - tanto de teoria quanto ficção – que colaboram para entender o mundo e os desafios para construir uma sociedade mais igualitária e livre para as mulheres.

Não há neste fragmento representativo do estilo verbal de todo o texto palavras menos conhecidas, conceituações muito particulares, estrutura sintática não convencional. Trata-se de um fragmento cuja linguagem prima pela clareza. O mesmo ocorre em outras passagens, dessa vez aquelas em que as mulheres convidadas para indicar títulos também registram seu parecer como leitoras:

7 - O livro da Caitlin abriu meu mundo porque tem uma linguagem muito fácil, didática e divertida.

Não apenas esse testemunho emprega uma linguagem que mimetiza a oralidade e que é por isso formalmente relativamente simples, como também resguarda um discurso sobre a leitura, relativo ao papel dessa prática para ‘conhecer outros mundos’ e fazê-lo de modo prazeroso porque ‘divertido’.

Quanto à ‘construção composicional’ segundo Bakhtin (1997), ela diz respeito à estruturação geral de um gênero do discurso, a seu acabamento prototípico que permite identificar de maneira relativamente acessível de que gênero se trata (uma piada, um conselho, uma notícia, uma fofoca, uma conferência, etc.) exatamente porque implica uma dada disposição, um dado tom, que permitem antever e reconhecer a sua condição de gênero discursivo específico por parte dos interlocutores.

As listas de indicação de leitura são, a esse respeito, um gênero cuja construção composicional é bastante prototípica, ou seja, regular. Ela pressupõe um padrão de sua forma de apresentação que permite ao interlocutor ao qual se destina reconhecer prontamente essa sua qualidade precisa de gênero “lista de indicação de livros,” ainda mais com a difusão que esse tipo de gênero adquiriu na mídia impressa e agora digital. Há listas de indicação de leitura de viés temático, como as obras que abordam o feminismo; há listas de viés recenseur de um período, como as listas dos maiores clássicos literários da década, do século, de todos os tempos; há listas baseadas em segmentos de público, como a indicação de obras para crianças ou adolescentes; há listas baseadas em premiações ou então em número de vendas (best sellers), etc. Todas elas são passíveis de reconhecimento como gênero lista de indicação de livros, em função da regularidade de sua construção composicional, de seu estilo verbal e também de seu conteúdo temático. Essa regularidade – sempre relativa já que todo gênero pode se modificar sem deixar de ser o que era na condição de gênero ou de se tornar efetivamente outro gênero derivado, eventualmente mais complexo que aquele de sua origem – é fundamental para o processo dialógico, de interlocução. Os sujeitos da interlocução dependem do conhecimento recíproco dos gêneros que mobilizam nas circunstâncias de enunciação, de diálogo. E não sem razão, os interlocutores preveem, pressupõem as competências daqueles a quem se dirigem, e assim o fazendo se valem

do conhecimento comum, prévio dos usos, funções e significados compartilhados dos gêneros em uma dada esfera de comunicação. Aqueles que escrevem em revistas, jornais e blogs indicando livros ‘sabem’ de antemão que o público ao qual se dirigem está familiarizado com esse gênero, conhecem as regras de seu funcionamento, e se valem apropriadamente das funções previstas por este tipo de interlocução.

Essas formas e concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado. A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero. (BAKHTIN, 1997, p.322)

A ‘construção composicional,’ portanto, contribui para o princípio norteador de todo e qualquer gênero: o de seu funcionamento dialógico, tal como definido por Bakhtin (1997). É em função disso que ela se mantém, que ela retoma características sistematicamente, referentes à organização, finalidade e especificações dos interlocutores.

Assim, o ‘conteúdo temático’ dessas listas prevê que elas disponham mais de um item, que elas partam do princípio de uma escolha e triagem na seleção dos itens dessa lista, que essa escolha e triagem se baseie em critérios qualitativos ou quantitativos que distingam e dê relevo e justificativa ao que é listado em relação a todo o conjunto de onde foi selecionado aquele item. O ‘estilo’ prevê a concisão e a informatividade do modo de enunciar o conteúdo, prioritariamente verbal no caso das listas ainda que eventualmente possam ser acompanhadas de imagens dos livros ou fotografias dos autores elencados. Essas listas que primam pela concisão adotam também um estilo formal. Elas também prevêem o emprego de adjetivos que qualifiquem e justifiquem a seleção indicada. Elas também não são produzidas apenas como uma lista de itens, mas também são acompanhadas de textos explicativos, de breves apresentações, de justificativas que contextualizam a sua relevância e que informam dos critérios empregados. A presença de um texto introdutório de apresentação das listas de indicação de livros é um traço desse gênero, e que a diferencia de outras listas. Além disso, essas listas primam pela concisão na indicação de um número finito de obras. Elas também são compostas de uma estrutura de apresentação regular, em geral, constituída do nome da obra, nome da

autora, data de lançamento, eventualmente nome da editora, e por vezes um breve resumo do conteúdo do livro ou alusão a sua relevância. No que diz respeito a sua finalidade interlocutiva, enunciativa, o gênero lista de indicação de livro tem por objetivo orientar a leitura, em função de interesses que se crê serem aqueles de um determinado público, e eventualmente motivar o interlocutor não apenas à leitura, de modo a contribuir para o entendimento do mundo e os desafios para se construir uma sociedade mais igualitária e livre, em que ser mulher não seja um *handicap*, conforme apresentado no enunciado introdutório do HuffPost Brasil, mas também ao consumo das obras indicadas, visto que as listas de indicação de livros também respondem a uma demanda comercial.

Observados os conceitos trazidos por Bakhtin (1997) acerca da definição de ‘gêneros do discurso’ e analisadas as características encontradas no *corpus* do presente trabalho, podemos concluir que o ‘conteúdo temático’, o ‘estilo verbal’ e a ‘construção composicional’ se apresentam em sua regularidade relativa o que colabora para a estabilização do gênero do discurso, lista de indicação de livros, bem como para suas eventuais diferenças frente a temas, como o feminismo, e a públicos específicos como mulheres acadêmicas, mulheres jovens, mulheres e homens interessados no tema, de modo geral.

4.2 Listas de indicação de livros: uma análise dos enunciados

Observadas as listas de indicação de leituras feministas presentes nos textos que compõem nosso *corpus*, e tendo em vista nosso objetivo de depreender discursos sobre a leitura e representações dos leitores desses livros, apresentamos a seguir a análise de alguns enunciados presentes nesses textos, que permitem depreender esses discursos e tecer considerações mais gerais sobre essa produção de livros contemporânea e sua circulação prioritária para certos segmentos.

No texto introdutório da lista de indicações de títulos da Revista Cult, não foram encontrados enunciados específicos, diretos e explícitos sobre a importância da leitura ou sobre o perfil de mulheres leitoras, ou de suas práticas de leitura. No entanto, da descrição feita acerca das autoras das obras indicadas é possível identificar aí certas divisões próprias do universo dos livros, orientadoras das práticas de leitura tais como um breve comentário que classifica as obras indicadas, e suas autoras, como clássicas e

outras como contemporâneas, conforme a citação a seguir:

8 - Variada, a lista engloba obras clássicas de nomes como Simone de Beauvoir e Virginia Woolf quanto livros mais recentes – como uma *graphic novel* de Marjane Satrapi, uma reunião de artigos de Roxane Gay, tirinhas de Alison Bechdel e ensaios de Bell Hooks.

A afirmação da ‘variedade’ dessa lista, por si só, demonstra o posicionamento menos tradicional, mais aberto e democrático, quanto à indicação de títulos, o que condiz com a postura que se espera ser a de uma especialista e profissional do fomento à leitura, ou seja, de uma bibliotecária que atua em uma biblioteca não especializada, aberta ao público amplo e que visa ser convidativa para o maior público possível, especialmente o público jovem, muito interpelado pelas práticas virtuais de acesso aos textos e a ser formado como público futuro das bibliotecas públicas. Assim, a lista feita pela funcionária da biblioteca de Nova York faz parte do rol de tantas outras listas sistematicamente produzidas com essa finalidade de divulgação do acervo da biblioteca, com sugestões de leitura que vão da “história à biologia; da política à escrita LGBT”, portanto, com indicações variadas quanto aos temas, aos períodos históricos, aos gêneros discursivos e aos interesses de diferentes segmentos do público leitor. É essa perspectiva que é novamente reafirmada no enunciado de apresentação e de justificativa da lista de títulos sobre o feminismo publicada em nome dessa instituição responsável não apenas pela guarda da produção cultural, impressa e virtual, da sociedade, como também do fomento ao acesso a essa produção, da formação do público leitor, enfim, do público potencial da biblioteca. Essa afirmação da ‘variedade’ dos títulos, materializada na seleção apresentada na lista, condiz com discursos atuais sobre a leitura e seu fomento, tais como o da democratização dessa prática, para o que se assume tanto a relativização de padrões anteriores de definição da qualidade das obras que deveriam compor os acervos de bibliotecas, como a compatibilização da presença comum de obras clássicas, consagradas, de circulação especializada e restrita, com obras contemporâneas, de gêneros atuais, de sucesso junto ao grande público ou junto a segmentos de leitores não profissionais, iniciantes, de públicos juvenis, cujo objetivo de leitura vise à formação, mas também ao entretenimento.

Nos enunciados que acompanham os títulos de livros indicados são

apresentados breves resumos das obras. Embora nessa parte do texto não haja, de maneira explícita e direta uma referência às práticas de leitura ou aos leitores a quem se destinam, a própria explicação, em sua concisão e em seu modo elucidativo das contribuições, atributos e especificidades das obras e autores, fornece uma imagem desse público mais amplos, variado, que comporta especialistas e iniciantes, militantes e curiosos, leitores e leitoras de diferentes faixas-etárias, interesses, graus de formação e competências leitoras.

Na apresentação da lista de indicação de títulos presente na Revista Superinteressante, o foco é o tema, por isso se inicia com os comentários sobre uma autora feminista, que para a enunciadora da lista teve grande importância neste movimento cultural e comportamental tão recente, do ponto de vista da história de longa-duração, e tão fundamental na estruturação das sociedades democráticas:

9 - Desde que Simone de Beauvoir lançou *O Segundo Sexo*, em 1949, a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” virou uma máxima do movimento feminista.

Posteriormente comenta sobre as práticas de leitura e o mercado editorial do gênero feminino,

10 - Mais mulheres publicando seus escritos, mais editoras republicando livros já lançados por escritoras e mais leitoras lendo obras que possam ajudá-las a conhecerem seus direitos e gerar impactos positivos em suas realidades.

E complementa com comentário pessoal, que pode ser interpretado definindo a autora da lista como uma mulher leitora que indica os livros que já leu e sua experiência com a leitura,

11 - Imagine tomar um café, uma cerveja, um chá ou simplesmente se sentar para conversar com seis escritoras que têm opiniões muito atuais para compartilhar (...). É essa a sensação que senti quando li os livros da lista a seguir.

Nos enunciados que acompanham os títulos indicados, encontram-se comentários sobre as autoras dos livros.

12 - Rebecca Solnit, como a pensadora consciente que é, reconhece que pertence a um grupo privilegiado por ser americana, branca e de uma elite intelectual.

Também foi possível encontrar comentários sobre a importância da leitura,

13 - Uma leitura necessária para se repensar nossos padrões do que é ter voz, como ser ouvida e o que significa ter poder sendo mulher.

Por ser uma mídia de divulgação científica e cultural, mas mesmo assim mantendo um perfil comercial, diferentemente do que é apresentado na Revista Cult, onde a lista é feita para divulgar obras que se encontram na Biblioteca de Nova York, sendo essa uma instituição com tradição pedagógica, com um compromisso social, a lista da revista Superinteressante apresenta um número menor de obras indicadas, entre todas as listas desse *corpus*, fazendo apenas 6 indicações, de maneira a não intimidar o público. A autora da lista usa também da personalidade, indiciada pelos comentários, que sugere livros, com os quais através da aproximação com o leitor, compartilha suas impressões. Ela cria um ambiente informal, de conversa com seus leitores em conformidade com sua experiência de leitura descrita no início do texto, representando a leitura como ato prazeroso, indicando uma motivação de caráter mais informativo que formativo.

Observada a linguagem empregada, com um léxico cotidiano, e até mesmo informal em alguns trechos, temos indícios sobre qual destinatário se dirigem os enunciados, um público jovem, em formação desse segmento de interesse, em específico de mulheres, já que a autora usa do gênero feminino para interpelar o leitor. Outro indício pode ser encontrado no título, que faz referência às indicações, sendo todas 'atuais', o que implica em uma aproximação desse público mais jovem com o que é tratado nessas obras contemporâneas. O discurso sobre a leitura, apresentado na Superinteressante, aproxima essa prática de atividades prazerosas e que exigem pouca

concentração, trazendo um aspecto leve ao comparar a prática de leitura com ‘tomar um café, uma cerveja, um chá, ou simplesmente se sentar para conversar’, atividades essas que não exigem uma experiência acadêmica ou altamente letrada, tratando a leitura como algo corriqueiro e de fácil realização.

Entre as mídias analisadas, a lista apresentada no Blog da Editora Boitempo, possui o texto introdutório mais extenso. Nele é possível encontrar enunciados sobre a definição de feminismo enquanto uma corrente filosófica apontando para estudos interseccionais, que além do gênero vão abordar questões raciais e de classe, o que pode ser um indício sobre a quem se direciona, um público mais maduro, mais familiarizado com o universo de produções acadêmicas e mais iniciado no tema e nos estudos das ciências humanas.

No decorrer da introdução podemos observar também enunciados sobre a importância da leitura,

14 - Na produção mais recente, sobretudo, apresentam contribuições incontornáveis para o entendimento de como diferentes formas de opressão e de dominação operam de forma cruzada e sobreposta.

Posteriormente encontramos enunciados sobre as práticas de leitura, em específico feminista, que enfatiza a colaboração da leitura dos livros propostos para enfrentar os desafios sociais,

15 -A lista que apresentamos traz um conjunto (entre muitos outros possíveis) de leituras feministas que colaboram para entender o mundo contemporâneo e os desafios que enfrentamos para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais livre.

Embora não haja, de maneira explícita e direta uma referência aos leitores a quem se destinam, a própria explicação, em sua concisão e em seu modo elucidativo das contribuições, atributos e especificidades das obras e autores, fornece indícios sobre a quem se destina, como, por exemplo, a linguagem formal e sóbria, justificada por esses enunciados comporem a lista de uma instituição que tem como motivação a formação de um público leitor, indicando que além de prioritariamente do gênero

feminino e mais maduro, mais familiarizado com leituras e com maior conhecimento prévio sobre o tema, assim como conhecimentos de outras áreas que influenciam na compreensão das obras indicadas. Diferentemente das outras listas, sua especificidade além de trazer contribuições para o campo acadêmico e universitário, também apresenta motivações relacionadas a venda de livros, já que consiste em uma editora e assim o público ao qual se direciona pode ser entendido como um consumidor de livros em potencial.

Outros aspectos que sinalizam a quem esses enunciados se destinam e sobre as práticas de leitura, são os gêneros literários das obras indicadas, em sua maioria ensaios teóricos - 9 entre as 10 obras indicadas - gênero esse que contempla um leitor mais familiarizado com as práticas de leituras acadêmicas que exigem maior concentração, evidenciando a prática de leitura diferentemente da Revista Superinteressante. Entre as obras, encontramos algumas que compõem ementas de pós-graduação, como a indicação “*Justice and the Politics of Difference de Iris Marion Young*”³, estudada no curso de pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, o que reafirma que o público leitor ao qual se direcionam os enunciados do Blog da Editora Boitempo possui formação ou está em formação acadêmica e que a prática de leitura apresentada aqui é mais profissional. As obras indicadas nos sugerem outro aspecto relacionado ao nível de educação formal das leitoras, já que 8 entre as 10 obras indicadas não possuem tradução para a língua portuguesa, e para sua leitura é necessário ter domínio de outras línguas.

No HuffPost Brasil, encontramos um enunciado introdutório, apresentado antes da lista, no qual foi possível depreender indícios sobre o público ao qual se referência essa lista, sendo esse jovem, devido à linguagem empregada ser simples e direta, o qual se identifica ou anseia em ser feminista e ativista,

16 - Perguntei a 9 feministas e ativistas quais foram os livros de suas vidas: Monique Evelle, Anna Haddad, Luíse Bello, Amara Moira, Nana Soares, Carol Patrocínio, Fernanda Kallianny Martins e Stephanie Ribeiro responderam.

Também, foi possível observar comentários sobre a prática de leitura,

17 - Uma lista inspiradora de 11 livros que formam um conjunto de leituras feministas - tanto de teoria quanto ficção - que colaboram para entender o mundo e os desafios para construir uma sociedade mais igualitária e livre para as mulheres.

No entanto, nos enunciados que acompanham os títulos indicados podemos observar comentários sobre as autoras dos livros, como:

18 - A autora, Neusa Santos Souza, se matou. Suas obras e especificamente o livro que citei foi de grande contribuição para a literatura. Porém, ela foi invisibilizada, silenciada e não suportou.

E sobre as práticas de leitura:

19 - O livro da Caitlin abriu meu mundo porque tem uma linguagem muito fácil, didática e divertida. Como eu li muito jovem, foi um divisor de águas para entender feminismo e questões que sempre fizeram parte da minha vida.

Por ser um site noticioso e diferentemente das outras mídias que compõem o corpus, o Huffpost Brasil, não trabalha com nenhum conteúdo institucional impresso, dialoga diretamente com um público mais jovem, mais habituado às práticas digitais. Nos enunciados observamos uma linguagem formal, mas simples e breve, que se aproxima da oralidade, típico de publicações de perfil noticioso *on-line*, com grau de pessoalidade e proximidade, que pode nos dar indícios de que esse público, além de jovem e prioritariamente feminino, é iniciante nas práticas de leitura, ou no tema ‘feminismo’. As práticas de leitura são representadas como algo ‘divertido’ que leva a ‘conhecer outros mundos’, e para enunciar essas práticas as autoras, ativistas que indicam os livros, mobilizam de maneira afetuosa sua experiência, o que novamente nos evidencia o público ao qual se direciona, sendo esse feminino e jovem, e o perfil midiático comercial da mídia, que faz dessa lista, em função do impacto social do tema, de autores, de certas polêmicas, mote para suas notícias e matérias, com o objetivo mais informativo do que formativo, propriamente dito, oposto ao que é apresentado na Revista Cult e Blog da Editora Boitempo.

Sobre as práticas de leitura, além dos aspectos individuais supracitados,

evidenciamos discursos em comum nos enunciados e títulos de cada uma das quatro listas, nos quais essa prática é dita como um fator para o entendimento das condições do gênero feminino e para uma mudança, transformação social que possibilite uma realidade mais igualitária, indiciado pelo uso dos modalizadores discursivos que se encontram nestes. Enunciados sobre as práticas de leitura na Revista Cult:

20 - 14 livros feministas essenciais de acordo com a Biblioteca Pública de Nova York.

21 - “essenciais para compreender a história do feminismo e o movimento pelos direitos das mulheres.”

Enunciados sobre as práticas de leitura na Revista Superinteressante:

22 - 6 livros atuais que toda feminista deveria ler.

23 - Mais leitoras lendo obras que possam ajudá-las a conhecerem seus direitos e gerar impactos positivos em suas realidades.

Enunciados sobre as práticas de leitura presentes no Blog da Editora Boitempo:

24 - 12 livros feministas que você precisa conhecer.

25 - A lista que apresentamos traz um conjunto (entre muitos outros possíveis) de leituras feministas que colaboram para entender o mundo contemporâneo e os desafios que enfrentamos para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais livre.

Enunciados sobre as práticas de leitura presentes no HuffPost Brasil:

26 - 11 livros para entender por que é importante ser feminista, segundo 9 ativistas.

27 - 11 livros que formam um conjunto de leituras feministas - tanto de teoria quanto ficção - que colaboram para entender o mundo e os desafios para construir uma sociedade mais igualitária e livre para as mulheres.

Esses discursos acerca das práticas de leitura, mesmo que apresentado em mídias de distintos vieses, com diferentes públicos e objetivos, pode ser considerado um discurso idealizado, dentro de um número relativamente pequeno de dizeres sobre a leitura.

Os dizeres sobre a leitura têm história e memória, logo, suas representações, apesar de variadas, podem ser condensadas em um número relativamente pequeno de “enunciáveis” sobre a leitura, como os que os autores destacam: prática redentora e transformadora da realidade e fonte de prazer e de ilustração (CURCINO e VARELLA, 2014, p.340).

As semelhanças entre esses discursos podem estar, também, possivelmente atreladas aos dizeres sobre o ‘feminismo’, um movimento que tem como objetivo, através de discursos e práticas que dão prioridade à luta das mulheres, denunciar a desigualdade de gênero, em busca de princípios de liberdade, equidade e justiça social entre homens e mulheres.

5 Considerações finais

Ao longo de nossa pesquisa, buscamos apreender representações acerca das práticas de leitura e de leitores, a partir da análise do que é dito e do modo como é dito, evidenciadas em enunciados em forma de listas de recomendação de leituras feministas, partindo dos conceitos teóricos e metodológicos, valendo-nos, em especial, do conceito de “gêneros do discurso”, de Mikhail Bakhtin, e do funcionamento discursivo dos enunciados, conforme descrito por Michel Foucault em sua obra “A ordem dos discursos”.

Levantamos, assim, algumas observações sobre o gênero do discurso “lista de indicação de livros” e sobre os discursos acerca de práticas de leitura e comunidade leitora, tida como feminista, dispostos nos enunciados analisados.

Sobre o gênero do discurso ‘lista de indicação de livros’ encontramos

construções composicionais regulares, bastante prototípicas, que permitem ao interlocutor reconhecer prontamente o gênero de que se trata. Todas as listas são passíveis desse reconhecimento como gênero de lista de indicação de livros, em função de sua regularidade no que diz respeito à construção composicional, estilo verbal e também conteúdo temático.

Acerca das práticas de leitura, observamos que nos enunciados que compõem as listas da Revista Superinteressante e Huffpost Brasil, essas são caracterizadas de forma leve e corriqueira, como uma prática que não exige uma experiência prévia, introdutória. Por se tratar de matérias midiáticas, mais comerciais e noticiosas, mesmo que de divulgação científica (como a Superinteressante), foi possível caracterizar seus objetivos como mais informativo do que formativo, propriamente dito. Sobre os leitores ao qual são dirigidas essas listas, encontramos novamente semelhanças, já que os modos sobre os quais são ditos e os dizeres sobre as práticas também são semelhantes. Esse público ao qual remetem os enunciados, é prioritariamente feminino, jovem e iniciante nas práticas de leitura.

Nos enunciados que compõem a lista da Revista Cult foi evidenciada a especificidade da instituição pública, Biblioteca de Nova York, de fomento à leitura e formação de públicos leitores. As bibliotecas têm uma tradição pedagógica, um compromisso social, devido a isso a lista é composta por livros de diversos gêneros e complexidades, desde HQ's até ensaios teóricos, contemplando um público leitor amplo, que comporta especialistas e iniciantes, militantes e curiosos, leitores e leitoras de diferentes faixas-etárias, interesses, graus de formação e competências leitoras. Os enunciados encontrados nessa lista evidenciam um discurso mais democrático sobre as práticas de leitura e sobre quem pode ser essa comunidade leitora.

No Blog da Editora Boitempo ficou evidenciado através da análise dos enunciados, em aspectos como a escolha lexical, sua linguagem formal e sóbria, modo elucidativo das contribuições, atributos e especificidades das obras e autores, um público mais maduro, prioritariamente do gênero feminino, com nível educacional mais avançado. Além de trazer contribuições para o campo acadêmico e universitário, foi encontrada através da análise de seus enunciados, indícios sobre motivações relacionadas a venda de livros, por isso o leitor ao qual se direciona também pode ser caracterizado como um consumidor de livros em potencial. A partir das obras indicadas e da comunidade leitora indiciada, temos que as práticas de leitura no Blog da Editora Boitempo são, diferentemente das outras mídias, enunciadas como algo acadêmico, de

prática mais profissional.

Apresentadas as análises de suas individualidades, posteriormente foi possível apreender aspectos em comum sobre os discursos acerca da leitura nas quatro mídias que se constitui o *corpus*, sendo essa prática enunciada como ‘essencial’, ‘transformadora’, importante para entender e posteriormente tornar a sociedade mais igualitária no que diz respeito a questões de gênero.

Contudo, foi possível concluir a partir da análise dos enunciados retirados de matérias dispostas *on-line*, qual leitor pode ser parte da comunidade leitora feminista, sendo essa de perfil múltiplo, de jovem a mais maduro, de iniciante a acadêmico, contemplada em diferentes indicações que vão de HQ’s a ensaios teóricos, dispostas em língua portuguesa ou estrangeira. Esse amplo perfil pode ser justificado na difusão do tema, devido a tida democratização que trazem as plataformas digitais, onde o tema feminismo tem importante espaço por ser debatido em grupos, fóruns, entre outras plataformas. Sobre as práticas de leitura encontramos enunciados que nos indicam essa como uma prática mais informal e outros que se referem a ela como uma prática mais profissional, acadêmica.

Por essa via, atrelada a próprio cerne do que seria o feminismo, movimento que tem teoria e prática entrelaçados, percebemos a necessidade de estimular e produzir de maneira mais horizontal, tanto discursos acerca desse tipo de prática de leitura, quanto obras, publicações e traduções que levem ao gênero feminino, independente de grau de escolaridade, acessos a conhecimentos sobre suas condições sociais através da leitura.

Devido ao trabalho de conclusão de curso ser breve, os conceitos apresentados pertencentes à ‘História Cultural’ de Chartier (1990), serão abordados e aprofundados futuramente, em outros trabalhos, a partir do levantamento e análise feitos no trabalho presente, trazendo contribuições obtidas com a leitura da obra do autor.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. *In*: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2001a. p. 139-157.

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de ler**. In: XXIV Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande. 2001b. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm> >. Acesso em: 16 abr. 2019.

ABREU, Márcia. Apatia, ignorância e desinteresse. Uma história da leitura no Brasil?. *In*: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 2, n. 1, p. 83-98, jan./jun. 2006.

ALVES, Emiliano Rivello. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 1, p. 179-184, 2008.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, 1895-1975. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. Promoção da leitura x mitificação da leitura. **Boletim ALB**, Rio de Janeiro, n. 3, 3 p., ago. 1998.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **12 livros feministas que você precisa conhecer**. 2016. Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/03/09/12-livros-feministas-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. *Fronteiras*, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

CHARTIER, Roger. **Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas**. Roger Chartier: a força das representações: história e ficção. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2011.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Editora Vozes Limitada, 2013.

CURCINO, Luzmara. **Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA**. 2006 337p. Tese (Doutorado), FCLAR -Unesp, Araraquara São Paulo, 2006. Disponibilidade em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102356?show=full>>. Consulta em: 05 jul. 2020.

CURCINO, Luzmara. **Imprensa e discursos sobre a leitura: representações dos presidentes FHC, Lula e Dilma como leitores**. In: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação. N. 16 esp., set. 2018, Ilhéus: UESC. p.223-243. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2223>

CURCINO, Luzmara. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. Moara - **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal do Pará**. Número temático: 50 anos de "A Arqueologia do Saber": as contribuições aos estudos da linguagem no Brasil. Vol. 1, n. 57, ago/dez de 2020. p. 74-91. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.8874>.

DE CARVALHO, Larissa Akabochi. Leitoras e Leituras: Acesso orientado e questões de gênero. **Arquivos do CMD**, v. 5, n. 1, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª edição: LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1996.

HELLER, Barbara. **Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)**. 1997. 292 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270115>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito " nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015.

MELNIKOFF, Ricardo André Aires; MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. Professora, professorinha primeira profissão que legitima a mulher do século XIX. In: **IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE o Cinquentenário do Golpe de 64**. Out, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1424132806_ARQUIVO_RicardoAndreAireseElaineAlmeidaAires.pdf

MIRANDA, Cynthia Mara. **Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil**. Seminário Nacional de Ciências Políticas, Unb - Universidade de Brasília, v. 2, 2009. Disponível em: encurtador.com.br/dtEX6

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. O movimento

feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina**, 2014. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf

PÂMELA CARBONARI. Superinteressante. **6 livros atuais que toda feminista deveria ler**, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/6-livros-atuais-que-toda-feminista-deveria-ler/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15 -23, jun. 2010.

REVISTA CULT (Brasil) (ed.). **14 livros feministas essenciais de acordo com a Biblioteca Pública de Nova York. 2018**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/14-livros-feministas-biblioteca-publica-de-nova-york/>. Acesso em: 26 nov. 2020.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres Educadas na Colônia**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). 500 Anos de Educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, p. 79-94.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.

SAU, Victoria. **Diccionario ideológico feminista**. Icaria Editorial, 2001.

SOUSA, Simone Aparecida. Discurso, autor e sujeito dentro da obra A ordem do discurso de Michel Foucault: uma análise metadiscursiva. **Darandina Revista eletrônica**, Juiz de Fora (MG), v. 2, n. 3, 2010.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; QUADROS, Raquel dos Santos; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A educação feminina durante o Brasil colonial**. Anais da Semana de Pedagogia da UEM, v. 1, n. 1, 2012.

VARELLA, Simone; CURCINO, Luzmara. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo campanhas em prol dessa prática. **Revista Desenredo**. v.10, 2014, p.337-354. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/4157/3091>.

VARELLA, Simone Garavello. **Os discursos incentivadores da leitura: uma análise de campanhas contemporâneas em prol dessa prática**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. 2014.

ZILBERMAN, Regina. Leitoras de Carne e Osso: A Mulher e as Condições da Leitura no Brasil no Século XIX. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 1, p. 31-47, 1993.

Anexo I - Livros Citados no *corpus*

LIVROS CITADOS NO CORPUS							
TÍTULO	AUTOR	ANO PUBLICAÇÃO	GÊNERO DA OBRA	NACIONAL/ TRADUÇÃO	QUANT. CITADA	FONTE	INTERSECCIONAL
Não sou eu uma mulher?	Sojourner Truth	2019	Discurso	Tradução	1	Huffpost Brasil	Sim
Um teto todo seu	Virginia Woolf	1929	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Não
O segundo sexo	Simone de Beauvoir	1949	Ensaio teórico	Tradução	2	Revista Cult/ Blog Boitempo	Não
A Mística feminina	Betty Fiedan	1963	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Não
Les guérillères	Monique Wittig	1969	Novela Ficcional	Tradução	1	Revista Cult	Não
A mulher eunuco	Germaine Greer	1970	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Não
Política sexual	Kate Millet	1970	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Não
Selected writting	Alexandra Kollontai	1977	Biografia	Sem tradução	1	Blog Boitempo	Não
A Cor Purpúra	Alice Walker	1982	Ficção	Tradução	1	Huffpost Brasil	Sim
Tornar-se Negro	Neusa Santos Souza	1983	Ensaio teórico	Nacional	1	Huffpost Brasil	Sim
Irmã outsider	Audre Lorde	1984	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Sim
Justice, gender and the family	Susan M. Orkin	1989	Ensaio teórico	Sem tradução	1	Blog Boitempo	Não

O mito da Beleza	Naomi Wolf	1990	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Não
Problemas de gênero	Judith Butler	1990	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Não
Justice and the politics of difference	Iris Marion Young	1990	Ensaio teórico	Tradução	1	Blog Boitempo	Não
Uma voz diferente	Carol Gilligan	1990	Ensaio teórico	Tradução	1	Blog Boitempo	Não
Black feminist thought	Patricia Gill Collins	1990	Ensaio teórico	Sem tradução	1	Blog Boitempo	Sim
O contrato sexual	Carole Pateman	1993	Ensaio teórico	Tradução	1	Blog Boitempo	Não
Hacia una teoria feminista del Estado	Catherine A. MacKinnon	1995	Ensaio teórico	Sem tradução	1	Blog Boitempo	Não
Justice interruptus	Nancy Frase	1997	Ensaio teórico	Sem tradução	1	Blog Boitempo	Não
O feminismo é para todo mundo	Bell Hooks	2000	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Cult	Sim
Feminist Theory: from margin to center	Bell Hooks	2000	Ensaio teórico	Sem tradução	1	Blog Boitempo	Sim
Hibisco Roxo	Chimamanda Ngozi	2003	Autobiografia-ficção	Tradução	1	Huffpost Brasil	Sim
Perseópolis	Marjane Satrapi	2004	HQ Autobiografia	Tradução	1	Revista Cult	Sim
Gênero, violência e patriarcado	Heleith Saffioti	2004	Ensaio teórico	Nacional	1	Huffpost Brasil	Não
Teoria King King	Virginie Despentes	2006	Biografia	Tradução	1	Huffpost Brasil	Sim

Eu sou Atlântica	Beatriz Nascimento	2007	Ensaio teórico	Nacional	1	Huffpost Brasil	Sim
Dykes to watch out for	Alison Bechdel	2009	Ficção	Sem Tradução	1	Revista Cult	Sim
Adeus, Haiti	Edwidge Danticat	2010	Biografia	Tradução	1	Huffpost Brasil	Sim
Como ser mulher	Caitlin Moran	2012	Biografia	Tradução	1	Huffpost Brasil	Não
O harem de Kadafi	Annick Cojean	2013	Biografia	Tradução	1	Huffpost Brasil	Não
A mulher na sociedade de classes	Heleieth Saffioti	2013	Ensaio teórico	Nacional	1	Blog Boitempo	Sim
L'enemi principal	Chistine Delphy	2013	Ensaio teórico	Sem Tradução	1	Blog Boitempo	Não
Má feminista	Roxane Gray	2014	Ensaio humorístico	Tradução	1	Revista Cult	Sim
A arte de pedir	Amanda Palmar	2014	Biografia	Tradução	1	Huffpost Brasil	Não
Homens explicam tudo para mim	Rebecca Solnit	2015	Ensaio teórico	Tradução	2	Revista Cult/Revista Super Interessante	Não
Fome	Roxane Gray	2017	Biografia	Tradução	1	Revista Super Interessante	Sim
Objeto Sexual	Jessica Valenti	2018	Biografia	Tradução	1	Revista Super Interessante	Não
Mulheres e poder	Mary Beard	2018	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Super Interessante	Não
Feminismo em comum	Márcia	2018	Ensaio	Nacional	1	Revista	Sim

	Tiburi		teórico			Super Interessante	
Clube da luta feminista	Jéssica Bennet	2018	Ensaio teórico	Tradução	1	Revista Super Interessante	Não

Anexo II - Lista 1

LISTA 1. *14 Livros feministas essenciais de acordo com a Biblioteca Pública de Nova York.* In: Revista CULT, Seção Gênero e Sexualidade. Autoria da redação. Publicado em 11 de abril de 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/14-livrosfeministas-biblioteca-publica-de-nova-york/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.



O site da Biblioteca Pública de Nova York, a quarta maior do mundo, não serve apenas para consultar o catálogo de livros disponíveis ou os horários de funcionamento do espaço. Periodicamente, os funcionários da biblioteca publicam listas com sugestões de leitura que vão da história à biologia; da política à escrita LGBT.

Uma das mais populares se chama *Know your feminisms* (Conheça seus feminismos). Criada por Lynn Lobash, gerente da biblioteca responsável pelos serviços direcionados aos leitores, a seleção traz 14 títulos considerados “essenciais para compreender a história do feminismo e o movimento pelos direitos das mulheres”. Variada, a lista engloba obras clássicas de nomes como Simone de Beauvoir e Virginia Woolf quanto livros mais recentes – como uma *graphic novel* de Marjane Satrapi, uma reunião de artigos de Roxane Gay, tirinhas de Alison Bechdel e ensaios de Bell Hooks:

1 Um teto todo seu (1929), de Virginia Woolf - Com base em palestras da autora, proferidas nas faculdades de Newham e Girton em 1928, o *Um teto todo seu* é um grande ensaio romanceado que traz reflexões sobre a opressão feminina e a influência disso na produção literária de autoras. A tese central de Woolf é simples: uma mulher só é capaz de produzir literatura se for financeiramente independente e tiver, como diz o título, um teto todo seu.

2 O segundo sexo (1949), de Simone de Beauvoir - Um dos livros mais famosos quando se trata de feminismo e filosofia feminista, *O segundo sexo* analisa a condição social da mulher ao longo da história e chega à conclusão de que os indivíduos do sexo feminino foram historicamente definidos não como “eu” (que para Beauvoir seria o papel masculino na sociedade patriarcal), mas como “o outro”. As mulheres, uma vez desumanizadas, teriam sido excluídas das esferas de poder e despidas de seus direitos.

3 A mística feminina (1963), de Betty Friedan - No livro conhecido como a “inspiração por trás da revolta das mulheres estadunidenses”, a psicóloga Betty Friedan apresenta a tese de que, após a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, a mulher americana foi redesenhada como “a mãe” e “a esposa zelosa” – um papel fortalecido pela educação, que desde a infância desestimularia a independência feminina. Aos poucos, escreve Friedan, a tentativa de encaixar-se no padrão patriarcal faria com que as mulheres desenvolvessem angústias e sentimentos que sequer conseguiriam nomear, mas que as manteriam sob controle.

4 Les guérillères (1969), de Monique Wittig - Sem tradução para o português, o romance de Wittig cria uma guerra literal entre os sexos, na qual as mulheres são guerreiras armadas que lutam acompanhadas por alguns companheiros homens. Sob a ficção, a autora tece críticas ácidas à sociedade patriarcal e aos papéis de gênero sexistas do final dos anos 1960.

5 A mulher eunuco (1970), de Germaine Greer - A australiana Germaine Greer argumenta que a família nuclear, consumista, tradicional e suburbana só existe porque a mulher teria sido “amansada” pela sociedade patriarcal e usada como uma espécie de pilar da família. Essa imposição machista do feminino teria, ainda, descolado a mulher de sua sexualidade e assim arrancado dela um poder milenar – daí o título do livro, algo como “eunucas femininas”.

6 Política sexual (1970), de Kate Millett - Baseada na tese de doutorado de Millett, o livro discute o impacto do patriarcado nas relações sexuais e na sexualidade.

Ao longo da obra, Millett aborda as obras de nomes como D.H Lawrence, Henry Miller e Sigmund Freud, e afirma que, nelas, os autores abordam sexo de forma patriarcal e sexista.

7 *Sister outsider* (1984), de Audre Lorde - Coletânea de 15 discursos e artigos da poeta feminista Audre Lorde, apresentados entre 1976 e 1984, nos quais a autora fala de sexismo, racismo, homofobia, luta de classes, lesbianidade entre mulheres negras e, ainda, interseccionalidade nas lutas por direitos. É do livro a famosa frase de Lorde: “Revolução não é um evento único”.

8 O mito da beleza (1990), de Naomi Wolf - Naomi Wolf explora os padrões normativos de beleza propagados pela indústria da moda e do entretenimento, que em geral reproduzem o ideal de mulher magra, branca e jovem. Na sua visão, tais padrões são tão violentos e disseminados que acabam destruindo a psiquê feminina, minando-as politicamente e mantendo-as sob controle.

9 Problemas de gênero (1990), de Judith Butler - Considerada a obra seminal da teoria *queer* e do feminismo liberal, *Problemas de gênero* introduz o conceito de performance de gênero, segundo a qual gênero não é algo ligado à biologia, mas ao comportamento – e que, portanto, pode ser recriado, desmontado e remontado de modo a quebrar os padrões que mantêm a sociedade presa ao patriarcado.

10 O feminismo é para todo mundo (2000), de Bell Hooks - Recentemente publicado no Brasil pelo selo Rosa dos Tempos, da editora Record, o livro foca na intersecção entre gênero, raça e sociopolítica, além de abordar as transformações positivas que o feminismo é capaz de realizar, mostrando que, em teoria, esta luta deveria abranger todas e todos.

11 Persépolis (2004), de Marjane Satrapi - A *graphic novel Persépolis* conta a história de como a jovem Marjane Satrapi, filha de uma família de esquerda, cresceu durante a Revolução Islâmica no Irã. Em páginas bem-humoradas, a quadrinista lembra de episódios pessoais que acabam abordando temas como o véu islâmico, a liberdade de expressão, a desigualdade de gênero e a violência político-religiosa.

12 *Dykes to watch out for* (2009), de Alison Bechdel - “Lésbicas para se ter cuidado” é o título das tirinhas de Alison Bechdel, uma das quadrinistas mais conhecidas da atualidade – autora de *Você é minha mãe?* (2012) e do premiado *Fun home* (2006). Nas tiras, Bechdel faz crônicas gráficas da vida amorosa e social de um grupo de mulheres lésbicas, e acaba abordando diversas indagações sobre sexualidade, opressão e gênero.

13 Má feminista (2014), de Roxane Gay - Roxane Gay faz uma seleção de ensaios sobre ser mulher negra nos Estados Unidos. Sob uma camada de humor, os textos propõem duras críticas ao feminismo atual e suas contradições, além de abordar política, racismo e violência em uma linguagem descontraída e pessoal.

14 Homens explicam tudo para mim (2015), de Rebecca Solnit - Tudo começa com um episódio curioso: em uma festa, um homem gasta um bom tempo indicando um livro a Solnit – sem dar a ela a chance de explicar que, na verdade, a obra é de sua autoria. Partindo daí, a autora reúne uma série de artigos e ensaios sobre as diversas formas de violência contra a mulher – silenciamento, agressão física, violência e morte.

Anexo III - Lista 2

LISTA2. *6 livros atuais que toda feminista deveria ler.* In: Revista Superinteressante. Seção Sociedade. Autoria: Pâmela Carbonari. Publicado em 5 junho de 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/6-livros-atuais-que-toda-feminista-deveria-ler/> Acesso em: 12 de dezembro de 2019.



Desde que Simone de Beauvoir lançou *O Segundo Sexo*, em 1949, a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” virou uma máxima do movimento feminista. Para a filósofa, nenhuma de nós nasce ciente do lugar que ocupa na sociedade e muitas morrem sem saber que podemos ocupar todo e qualquer espaço. Entender o que significa culturalmente ser homem ou mulher, dado que é um processo de despertar político, se aprende de inúmeras maneiras – independentemente do gênero com que a pessoa se reconheça. Tanto nos ensaios filosófico-existencialistas da escritora francesa quanto em obras ficcionais, a literatura pode ser uma dessas portas da percepção.

Nos últimos tempos, o mercado editorial percebeu isso e vem fazendo coro a um massivo movimento de tomada de consciência de gênero. O resultado é uma equação que coloca todas as variáveis no azul: mais mulheres publicando seus escritos, mais editoras republicando livros já lançados por escritoras e mais leitoras lendo obras que possam ajudá-las a conhecerem seus direitos e gerar impactos positivos em suas realidades. Imagine tomar um café, uma cerveja, um chá ou simplesmente se sentar para conversar com seis escritoras que têm opiniões muito atuais para compartilhar sobre direitos das mulheres, violência contra a mulher, igualdade salarial, relações de

poder, casamento, maternidade, relacionamentos e como lidar com o sexismo em diversos aspectos da vida feminina. É essa a sensação que senti quando li os livros da lista a seguir. Uma pequena seleção de obras recentes para entender o feminismo e para que nenhuma leitora se sinta só na luta por equidade de gênero:

1 *Os homens explicam tudo para mim*, Rebecca Solnit. - Se eu tivesse que dar o mesmo presente a diferentes pessoas durante um ano todo, o presente seria esta reunião de nove ensaios da jornalista, historiadora e ativista ambiental Rebecca Solnit. O livro é rico em dados, em reflexões, em senso de humor. No primeiro capítulo, a autora conta que um desconhecido tentou convencê-la a ler um determinado livro sem deixar que ela falasse sobre o assunto e, pior, ignorando o que ela tentava contar: que ela mesma tinha escrito o livro a que ele se referia. Rebecca escreveu um artigo sobre o episódio e, a partir disso, o termo “*mansplaining*” (junção de “homem” e “explicar”, em inglês – termo usado para descrever quando um homem explica algo óbvio a uma mulher ou algo que ela domina) se popularizou. “Se você faz isso com outras mulheres, saiba que você é uma espinha inflamada no rosto da humanidade e um obstáculo à civilização”, alerta a escritora nas primeiras páginas. Apesar de *Os Homens Explicam Tudo Para Mim* começar com essa anedota tragicômica pessoal, o restante do livro é um panorama mais distanciado, mas não menos esclarecedor sobre violência sexual, formas de apagamento e direitos das mulheres em vários países do mundo. Rebecca Solnit, como a pensadora consciente que é, reconhece que pertence a um grupo privilegiado por ser americana, branca e de uma elite intelectual, mas nem por isso fica menos indignada com a condescendência, a exploração e a violência sofridas por mulheres de realidade distantes da dela.

2 *Fome*, Roxane Gay - Aos 12 anos, Roxane Gay sofreu um estupro coletivo. Manteve o abuso em segredo, e para lidar com o trauma, passou a comer compulsivamente. Seu corpo virou um escudo, uma tentativa de se proteger contra os olhares e ameaças que ela queria afastar. *Fome* é a autobiografia de uma mulher obesa que narra como é a vida quando se tem um corpo que todos se acham no direito de opinar, um corpo que luta para ser aceito pelos outros e, acima de tudo, por ela. Um livro fragmentado por episódios e temas, uma tentativa de comprovar que sua autora é mais que a apenas a unidade de um corpo.

3 *Objeto Sexual*, Jessica Valenti - *Objeto Sexual* é uma autobiografia da colunista de gênero e política do jornal *The Guardian*, Jessica Valenti. Criadora do premiado site *Feministing*, a jornalista trabalha com jornalismo online desde 2004. No

livro, Jessica conta os assédios que sofreu no transporte público, o medo de que a filha não passe pelos abusos que as mulheres da sua família sofreram, a frustração por seu corpo ser mais reconhecido que suas ideias e como foi ridicularizada pela maneira como seus seios aparecem em uma foto com Bill Clinton e um grupo de pessoas. Sem pudores nem medo de polêmicas, ela também fala sobre drogas, maternidade, casamento, trabalho e ódio na internet.

4 Clube da Luta Feminista, Jessica Bennet - Você já deve ter visto aqueles manuais de condutas e cartilhas empresariais que recebemos quando somos contratados. Este livro é um guia bélico e sarcástico para sobreviver (e não morrer de gastrite) ao machismo corporativo. Enquanto as condições de trabalho para homens e mulheres não são as mesmas, *Clube da Luta Feminista* deveria fazer parte desse tipo de material para recém-ingressas no mercado de trabalho – alô, alô, pessoal do RH! Fica a dica. O que fazer quando um colega leva crédito pela sua ideia? Como calar aquele que sempre te interrompe? Seus colegas trabalham menos e são mais reconhecidos? De questões assim, nasceu esse manual ilustrado. Com alusões ao Clube da Luta de Chuck Palahniuk, a jornalista Jessica Bennet ensina como criar o um clube, onde se reunir, do que falar, o que fazer, como pedir aumento e até qual “cerveja de mulher” tomar (qualquer uma inventada por uma mulher).

5 Mulheres e poder, Mary Beard - A historiadora Mary Beard é uma sumidade em antiguidade clássica. Professora da Universidade de Cambridge e autora de mais de 15 livros sobre Roma e a Grécia Antiga, sendo *SPQR* seu último lançamento no assunto, a inglesa traz uma discussão fundamental em *Mulheres e Poder*: as mulheres nunca foram vistas como porta-vozes da opinião dominante e isso as silenciou ao longo da história. Ela mostra, desde as narrativas da *Odisseia* e das tragédias gregas até o comportamento de políticas como Hillary Clinton, Angela Merkel e Dilma Housseff, como a masculinidade está atrelada ao controle do pronunciamento público e como, ainda hoje, o modelo que temos de mulher de sucesso se parece muito com a imagem de um homem bem-sucedido. Uma leitura necessária para se repensar nossos padrões do que é ter voz, como ser ouvida e o que significa ter poder sendo mulher.

6 Feminismo em comum, Márcia Tiburi - Há algum tempo, participei de um curso chamado “Filosofia Feminista”, dado pela filósofa Márcia Tiburi. Ela abria o debate falando sobre a importância de não enxergar o feminismo como um modismo nascido na internet, como uma ideologia aproveitada pelo capitalismo para vender camisetas ou como um fenômeno que serve apenas para validar comportamentos de

liberdade sexual (o que é bastante válido também, ok?). Márcia defendia que é preciso conhecer as diferentes correntes que formam o feminismo e se conscientizar de que todos sofremos com os pesos e as limitações do patriarcado. *Feminismo em comum* é uma grande aula onde a autora de *Como conversar com um fascista* parte desses argumentos para falar com um público mais amplo, conhecedoras e conhecedores ou não dos preceitos básicos feministas, sobre a necessidade de levarmos a luta por direitos iguais a sério.

Anexo IV - Lista 3

LISTA 3. *12 livros feministas que você precisa conhecer.* In: Blog da Boitempo. Autora: *Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel*, Publicado em: 9 de março de 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/03/09/12-livros-feministas-que-voce-precisa-conhecer> Acesso em: 12 de dezembro de 2019.



As reflexões produzidas pelo feminismo – numa economia expressiva, já que se trata na realidade de feminismos, no plural – colocam questões fundamentais para a análise da opressão às mulheres nas sociedades contemporâneas. Mas não é só da posição relativa das mulheres que trata a crítica feminista. O conjunto cada vez mais volumoso dos estudos feministas expõe os limites das democracias quando estas convivem com a exploração e a marginalização de amplos contingentes da população. Analisam, assim, mecanismos que operam para silenciar alguns grupos e suspender a validade das suas experiências – eles operam de maneira específica sobre as mulheres, mas não se reduzem a uma questão de gênero. Tratam das conexões entre o mundo da política, o mundo do trabalho e a vida doméstica cotidiana. Na produção mais recente, sobretudo, apresentam contribuições incontornáveis para o entendimento de como diferentes formas de opressão e de dominação operam de forma cruzada e sobreposta. Cada vez mais, falar da posição das mulheres é falar de como gênero, classe, raça e sexualidade, para mencionar as variáveis mais mobilizadas, situam conjuntamente os indivíduos e conformam suas alternativas. Em sua diversidade, a produção feminista questiona a subordinação e confronta, permanentemente, discursos que se fundam na “natureza” para justificar a opressão. A lista que apresentamos traz um conjunto (entre

muitos outros possíveis) de leituras feministas que colaboram para entender o mundo contemporâneo e os desafios que enfrentamos para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais livre. A ordem segue de maneira aproximada a data da publicação original das obras.

1 Alexandra Kollontai – Selected writings (New York: Norton, 1977) - Um dos nomes de proa da primeira geração bolchevique, Kollontai dedicou-se a entender a relação entre classe e gênero. A fronteira de classe, para ela, era intransponível: parte de seu trabalho consistia na crítica ao feminismo burguês, que buscava a igualdade “sem desafiar prerrogativas e privilégios” e enchia a boca para falar de amor livre, mas mostrava repulsa diante da “desordem sexual” das classes populares. Em textos dirigidos ao grande público, como o impactante “Mulher trabalhadora e mãe”, desafiava a ideia de uma luta comum, mostrando como as experiências das mulheres eram sempre atravessadas pelo pertencimento de classe. Na efervescência pós-revolucionária, advogou que o Estado soviético priorizasse políticas de socialização do cuidado, poupando o “gasto improdutivo de energia das mulheres na família”. Quase um século depois, quando o debate continua em grande medida restrito a soluções de caráter privado (a divisão das responsabilidades dentro da família), as contribuições de Kollontai permanecem relevantes.

2 Simone de Beauvoir – O segundo sexo (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009). *O segundo sexo* é considerado texto fundador do debate feminista contemporâneo. Nos quase 70 anos que nos separam de sua publicação original, em 1949, foi muitas vezes comentado e criticado, serviu de base para reflexões renovadas e para a ação política de muitas mulheres. Tem sido, recorrentemente, alvo de investidas conservadoras. O enfrentamento direto com as justificações biológicas e psicanalíticas para a posição de inferioridade das mulheres é feito em uma linguagem e por meio de argumentos que ainda informam a defesa dos seus direitos. Beauvoir não faz apenas uma análise de quais seriam as formas correntes de objetivação dessa posição, em que a internalização da condição de “outro” pelas mulheres desempenha um papel importante. Ela interpela as próprias mulheres a definir-se como sujeitos livres, a colocar em questão o sentido do “feminino” e uma posição que pode envolver garantias, mas lhes recusa a própria condição de sujeitos de suas vidas.

3 Heleith Saffioti – A mulher na sociedade de classes (São Paulo: Expressão Popular, 2013) - No Brasil, a posição de obra inaugural do debate feminista contemporâneo pode ser atribuída a Heleith Saffioti. Publicado pela primeira vez em

1969, o livro foi a tese de livre-docência da autora, defendida na Universidade de São Paulo dois anos antes. O referencial marxista orienta a análise do livro, que mostra que parte importante da reflexão feminista no Brasil se organizou no diálogo com a crítica e a ação política de matriz socialista. Embora a própria autora não se visse como feminista no momento em que produziu o estudo, o livro se posiciona dessa perspectiva não apenas por dedicar-se a um dos problemas centrais para o feminismo, que é a divisão sexual do trabalho, mas por colocar em questão a naturalização do papel social convencional das mulheres. É desse prisma que Saffioti analisa o lugar legado à mulher na sociedade, refletindo não apenas sobre as formas e razões da desvalorização do trabalho feminino, mas também sobre temáticas como maternidade, casamento e sexualidade.

4 Carole Pateman – **O contrato sexual** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993). As teorias contratualistas, que representaram o primeiro esforço para justificar a autoridade política sob uma perspectiva liberal, afirmam que a sociedade nasce de um acordo entre todos os homens. Mas seu pressuposto oculto, busca mostrar a inglesa Pateman, é a dominação prévia dos homens sobre as mulheres. Mais do que uma releitura crítica, sob um ponto de vista feminino, dos teóricos clássicos do contrato social, porém, o livro coroa o esforço de Pateman para interpelar o instrumento do “contrato”, que o pensamento liberal apresenta como o mecanismo padrão que permite legitimar relações sociais assimétricas. Se há “contrato”, há concordância voluntária das partes, logo não haveria o que objetar. Mas alguns tipos de contrato, como o de trabalho ou o de casamento, implicam a subordinação de uma das partes. Movidos por necessidades que nascem de sua posição social desprivilegiada, trabalhadores e mulheres se veem constrangidos a alienar – contratualmente – sua autonomia. A obra gerou um enorme debate e exerceu influência decisiva sobre toda a teoria política feminista posterior.

5 Bell Hooks – *Feminist theory: from margin to center* (Cambridge, MA: South End Press, 2000) - Não é possível, hoje, falar em feminismo sem considerar as contribuições das feministas negras. Suas elaborações teóricas, profundamente entrelaçadas à atuação política em sociedades que não são apenas masculinas, mas orientadas pelos privilégios de homens e mulheres brancas, desafiaram o universalismo de um modo que é hoje incontornável. *Feminist theory: from margin to center*, publicado em 1984, pode ser hoje considerado um ponto de origem no debate sobre o lugar relativo das mulheres negras e a convergência entre gênero, raça e classe – ou, como parte da literatura vem preferindo, a interseccionalidade. A força das elaborações

presentes neste livro está no enfrentamento aberto do fato de que as mulheres também estão na posição de opressoras e que da opressão masculina não decorrem laços ou uma solidariedade comum entre elas. Ao afirmar que o sexismo não determina de forma absoluta o destino das mulheres e que é preciso compreender como raça e classe atuam na construção das hierarquias, Hooks colaborou para a construção de uma agenda que permanece como um desafio para o feminismo contemporâneo. (Um capítulo do livro foi publicado em português, na *Revista Brasileira de Ciência Política*, [aqui](#)).

6 Iris Marion Young – *Justice and the politics of difference* (Princeton: Princeton University Press, 1990) - A cientista política estadunidense Iris Marion Young, que faleceu precocemente em 2006, deixou uma obra curta, mas de grande impacto. *Justice and the politics of difference* marca o momento de maior radicalidade de seu pensamento. Ela observa como o apelo ao “universal”, tão presente na tradição filosófica do Ocidente, trabalha sistematicamente para naturalizar as posições dominantes (homem, branco, proprietário etc.) e assim invisibilizar os dominados. Em vez da busca pela reconstituição de um universal que nunca cumpre sua promessa de sê-lo, ela prega uma *política da diferença* que reconheça o caráter socialmente situado de todos os discursos. E, em vez de um padrão abstrato de justiça, ela propõe que se entenda que a justiça é o enfrentamento aos padrões de opressão e dominação presentes em cada circunstância histórica. (Um capítulo do livro foi publicado em português, na *Revista Brasileira de Ciência Política*, [aqui](#))

7 Christine Delphy – *L'ennemi principal* (Paris: Syllepse, 2013) - O pensamento feminista sempre recriminou o marxismo pela desatenção às questões de gênero, entendidas como necessariamente secundárias em relação a classe – e produziu várias tentativas de sínteses, em que os dois eixos de desigualdade fossem levados em conta. Uma das mais instigantes é a da francesa Delphy. Segundo ela, o modo de produção capitalista convive com um modo de produção “patriarcal”, marcado pela transferência de trabalho das mulheres para os homens, na esfera doméstica. Ainda que deixe muitas pontas em aberto (foi criticada sobretudo por ser incapaz de apreender os mecanismos de subordinação feminina fora da família), a proposta de Delphy é precisa ao apontar a incapacidade que o modelo marxista tem de incorporar o trabalho doméstico e a exploração nele presente. (Um capítulo do livro foi publicado em português, na *Revista Brasileira de Ciência Política*).

8 Carol Gilligan – **Uma voz diferente** (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990). Publicada em 1982, a obra inaugura as reflexões sobre uma ética baseada no

cuidado. Gilligan tem como ponto de partida a teoria dos estágios morais do filósofo e psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg, que é subvertida quando as vozes das mulheres são tomadas como tal, e não tendo como referência um “universal” fundado na posição masculina. Embora esclareça que a “voz diferenciada” das mulheres não emerge da condição feminina, mas de experiências decorrentes de sua posição social, essa abordagem acabou sendo reapropriada no pensamento “maternalista”, que associa cuidado e feminilidade e vê na maternidade a base para uma ética diferenciada. As críticas dirigidas a Gilligan apontam problemas metodológicos nas entrevistas que embasam suas conclusões e, sobretudo, um deslizamento da análise da posição de mulheres de classe média para o que seria a experiência feminina em geral. A contribuição de Gilligan permanece, no entanto, no esforço para tomar como base as vozes situadas das próprias mulheres e, a partir delas, compreender suas razões e escolhas. É algo que se revela particularmente interessante nas entrevistas que tematizam a decisão de abortar, em que os julgamentos e a linguagem das próprias mulheres constituem a problemática moral. (A edição brasileira está esgotada há muito tempo, mas um capítulo do livro encontra-se na coletânea *Teoria política feminista: textos centrais*, organizada por Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli. Vinhedo: Horizonte, 2013.)

9 Catherine A. MacKinnon – *Hacia una teoría feminista del Estado* (Madrid: Cátedra, 1995). - Por seu tom fortemente polêmico, a obra da jurista estadunidense MacKinnon é, com frequência, mal interpretada e mesmo folclorizada. Mas ela apresenta contribuições de enorme importância, mesmo que controversas, para compreender os mecanismos de reprodução da dominação masculina. Vivemos em sociedades, diz ela, marcadas pela *erotização da dominação*. A sexualidade – conceito que ela expande para além da dimensão física, correspondendo à “dinâmica do sexo como hierarquia social” – é, assim, uma expressão da dominação masculina. Isso a leva a descartar a possibilidade de consentimento das mulheres nas relações heterossexuais: numa sociedade assim organizada, não há possibilidade de agência autônoma para elas. É necessário desfazer o trabalho de introjeção dos valores dominantes, para que uma consciência feminina genuína possa emergir. (Um resumo de parte do argumento do livro é feito por MacKinnon em seu texto “Desejo e poder”, incluído na coletânea *Teoria política feminista: textos centrais*, organizada por Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli. Vinhedo: Horizonte, 2013.)

10 Susan M. Okin – *Justice, gender, and the family* (New York: Basic Books,

1989). As tensões entre o universal e o específico atravessam o debate feminista. Vale lembrar que o liberalismo não incide apenas na reflexão das feministas liberais, mas alimenta historicamente as concepções da individualidade mobilizadas na luta pelos direitos das mulheres. Mesmo entre aquelas que podem ser definidas como liberais, como Okin, deslocamentos significativos se impõem quando a perspectiva feminista é considerada. *Justice, gender, and the family*, de 1989, é um exemplo importante de como isso se dá. Nele, a autora organiza sua crítica às teorias da justiça que não colocam em questão as relações na esfera doméstica – os comunitaristas estão entre seus alvos principais, mas seu diálogo com John Rawls é um ponto alto na reflexão, justamente por expor os deslocamentos antes mencionados. A vulnerabilidade das mulheres em sociedades estruturadas pelas diferenças de gênero, central à análise de Okin, permite discutir a oposição entre o público e o privado como um dispositivo de reprodução da dominação e de limitação da autonomia das mulheres. (Um artigo que resume parte do argumento do livro foi traduzido para o português e publicado na *Revista Estudos Feministas*, [aqui](#)).

11 Nancy Fraser – *Justice interruptus* (New York: Routledge, 1997) - Fraser, uma filósofa estadunidense, parte da reflexão feminista para construir uma teoria normativa abrangente da política. No texto mais conhecido de *Justice interruptus*, ela propõe um modelo bidimensional de lutas por justiça, que inclua tanto a redistribuição material quanto o reconhecimento das diferenças. Seu objetivo é superar tanto o reducionismo que marcaria a reflexão marxista quanto o idealismo das correntes que, focadas na mudança cultural, ignoram a economia política. Outro capítulo que teve enorme impacto faz a crítica ao conceito habermasiano de “esfera pública”, avançando a ideia de que os grupos em posição subalterna precisam formar “contrapúblicos” para produzir suas demandas. O livro inclui também textos importantes sobre a relação entre gênero, trabalho e família, sobre o Estado de bem-estar e uma cuidadosa crítica de aspectos da obra de Carole Pateman. (Dois capítulos do livro estão traduzidos para o português. Um está na coletânea *Democracia, hoje*, organizada por Jessé Souza. Brasília: Editora UnB, 2001; outro, na coletânea *Teoria política feminista: textos centrais*, organizada por Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli. Vinhedo: Horizonte, 2013.)

12 Patricia Hill Collins – *Black feminist thought* (Boston: Hyman, 1990) - Collins destaca o potencial das experiências e do pensamento das mulheres negras para a crítica a uma matriz de dominação fundada simultaneamente na raça e no gênero. A abordagem teórica que dela emerge enfoca as conexões entre experiência e consciência,

fiel a uma das principais contribuições das abordagens feministas e do feminismo negro especificamente, que é a atenção à experiência vivida das mulheres. Uma epistemologia feminista e antirracista depende, assim, da compreensão dos contextos de produção do conhecimento. Todo conhecimento é situado e o modo que a produção do conhecimento se dá tem efeitos diretos nas vidas das pessoas e nas hierarquias sociais. A tensão entre a vivência concreta dos indivíduos e sua marginalidade na produção do conhecimento é um tema central na sua elaboração – daí a importância da noção de “conhecimento subjugado”, com grande potencial para uma agenda feminista que continue a apostar na articulação entre vivência, produção do conhecimento e luta política.

Anexo V - Lista 4

LISTA 4. *11 livros para entender por que é importante ser feminista, segundo 9 ativistas.* In: Huffpost Brasil. Seção Mulheres. Autoria: Andréa Martinelli. Publicado em 7 de Abril de 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/04/07/11-livros-para-entender-por-que-e-importante-ser-feminista-segu_a_21904307/ Acesso em: 12 de Dezembro de 2019.



Perguntei a 9 feministas e ativistas quais foram os livros de suas vidas: Monique Evelle, Anna Haddad, Luíse Bello, Amara Moira, Nana Soares, Carol Patrocínio, Fernanda Kallianny Martins e Stephanie Ribeiro responderam. As respostas se transformaram em uma lista inspiradora de 11 livros que formam um conjunto de leituras feministas - tanto de teoria quanto ficção - que colaboram para entender o mundo e os desafios para construir uma sociedade mais igualitária e livre para as mulheres. Então, prepare a mente e a prateleira. Aqui estão 11 livros para entender por que é importante ser feminista, segundo 9 ativistas:

1 Tornar-se Negro, Neusa Santos Souza - Monique Evelle, ativista e criadora do projeto Desabafo Social: "Eu gosto muito do livro "Tornar-se negro", de Neusa Santos Souza. Explico: o livro fala muito do mar de emoções das pessoas negras, principalmente aquelas que estão em ascensão. Mas o que isso tem relação com o feminismo? A autora, Neusa Santos Souza, se matou. Suas obras e especificamente o livro que citei foi de grande contribuição para a literatura. Porém, ela foi invisibilizada, silenciada e não suportou. As pessoas desconhecem a existência dessa mulher, não há muitos registros e eu olho pra Neusa hoje, e penso como posso construir uma história que não termine assim."

2 A Cor Púrpura, Alice Walker - Anna Haddad, criadora da Comum,

plataforma de desenvolvimento humano focada em mulheres: "É uma narrativa sobre racismo, subserviência, machismo e violência extrema contra as mulheres negras, mas ainda assim uma história linda - na ingenuidade da Celie, na persistência, na coragem, na linguagem, nos diálogos. Ela cresce e desperta na nossa frente, e faz as revoluções que pode com o que tem. Recomendo demais o livro ao invés do filme (dirigido por Steven Spielberg e com a Whoopi Goldberg no papel principal)."

3 Hibisco Roxo, Chimamanda Ngozi Adichie - Luíse Bello, publicitária, feminista, colaboradora da ONG Think Olga, responsável pela campanha Chega de Fiu Fiu: "O livro acompanha o ponto de vista de uma adolescente nigeriana que está descobrindo a vida para além do que sempre aprendeu e a sua trajetória abre a janela para uma realidade difícil, mas que a leva a grandes aprendizados. Não foi uma leitura fácil para mim, mas é um verdadeiro exercício de empatia."

4 Teoria King Kong, Virginie Despentes - Amara Moira, travesti, feminista, doutoranda pela Unicamp e autora do #ESeEuFossePutá: "Dá pra se ter uma noção da importância dessa obra, p.ex., por quem a traduziu para o espanhol: Paul B. Preciado. No livro, a autora propõe um novo olhar sobre estupro, prostituição, usos políticos da masculinidade e da feminilidade, tudo numa forma bastante direta e compreensível, colocando em xeque as nossas certezas sobre esses assuntos todos."

5 Como ser Mulher, Caitlin Moran - Nana Soares, jornalista e co-criadora do projeto 'Você não está sozinha' para o Metrô de SP: "O livro da Caitlin abriu meu mundo porque tem uma linguagem muito fácil, didática e divertida. Como eu li muito jovem, foi um divisor de águas para entender feminismo e questões que sempre fizeram parte da minha vida. Os exemplos de cultura pop também ajudaram muito."

6 O Harém de Kadafi, Annick Cojean - Nana Soares, jornalista e co-criadora do projeto 'Você não está sozinha' para o Metrô de SP: *Pouco tempo depois li "O Harém de Kadafi"* e ele me marcou demais. Também por ser incrível, mas dessa vez um verdadeiro soco no estômago. É um livro incrível, e também didático que mostra o quanto ainda temos que avançar em termos de direitos das mulheres e como nós estamos vulneráveis no mundo. Recomendo muito!

7 A Arte de Pedir, Amanda Palmer - Carol Patrocínio, jornalista e cofundadora da Comum, comunidade de mulheres: "Esse livro me mostrou muito como a gente coloca características ditas femininas para escanteio. A gente abre mão de criar laços, esconde nossa vulnerabilidade e nos tornamos ilhas. Nenhuma mulher é uma ilha. Nós somos arquipélagos que precisam de cada ilha para conseguir sobreviver. Foi ali, lendo

Amanda Palmer contar como confia nas pessoas e como isso tem dado bons frutos, que entendi minha linha de militância – e até escrevi sobre isso em uma das minhas *newsletters*. Eu escolhi conscientemente o que já tinha escolhido sem me dar conta: lutar com amor, criando laços e dando oportunidades pras pessoas transformarem seus entornos."

8 Gênero, Violência e Patriarcado, Heleieth Saffioti - Fernanda Kallianny Martins, feminista e membro do coletivo Capitolina: "O primeiro livro feminista que eu li que me marcou foi *Gênero, violência, patriarcado*. Marcou porque foi a primeira vez que li sobre violência de gênero e as definições de violência feitas pela Saffioti, me fizeram reconhecer violências que eu havia vivido e não tinha ferramentas para nomear."

9 Adeus, Haiti, Edwidge Danticat - Stephanie Ribeiro, arquiteta, ativista e feminista negra: "Em 2015 tomei como meta ler livros de mulheres negras. Um dos que li nessa época foi "Adeus, Haiti" da Edwidge Danticat. Ele se tornou o meu livro de cabeceira. Ao falar sobre exílio, família e racismo, ela aborda tanto identidade racial quanto masculinidades."

10 Não sou eu uma mulher? De Sojourner Truth - Fernanda Kallianny Martins, feminista e membro do coletivo Capitolina: "O discurso da abolicionista Sojourner Truth, "Não sou eu uma mulher?", foi a primeira leitura que fiz que me permitiu pensar as diferenças entre mulheres brancas e negras. Ainda que tenha sido proferido nos Estados Unidos, em 1851, é muito atual porque permite pensar a articulação entre gênero, raça e classe."

11 Eu sou Atlântica, Beatriz Nascimento - Fernanda Kallianny Martins, feminista e membro do coletivo Capitolina: "Esse livro reúne os textos da Beatriz Nascimento e fala sobre sua história de vida. Ela foi uma pesquisadora, historiadora, ativista e poeta negra, nascida em Aracaju. Gosto especialmente de um artigo que tem no livro que fala sobre as mulheres negras e o amor."